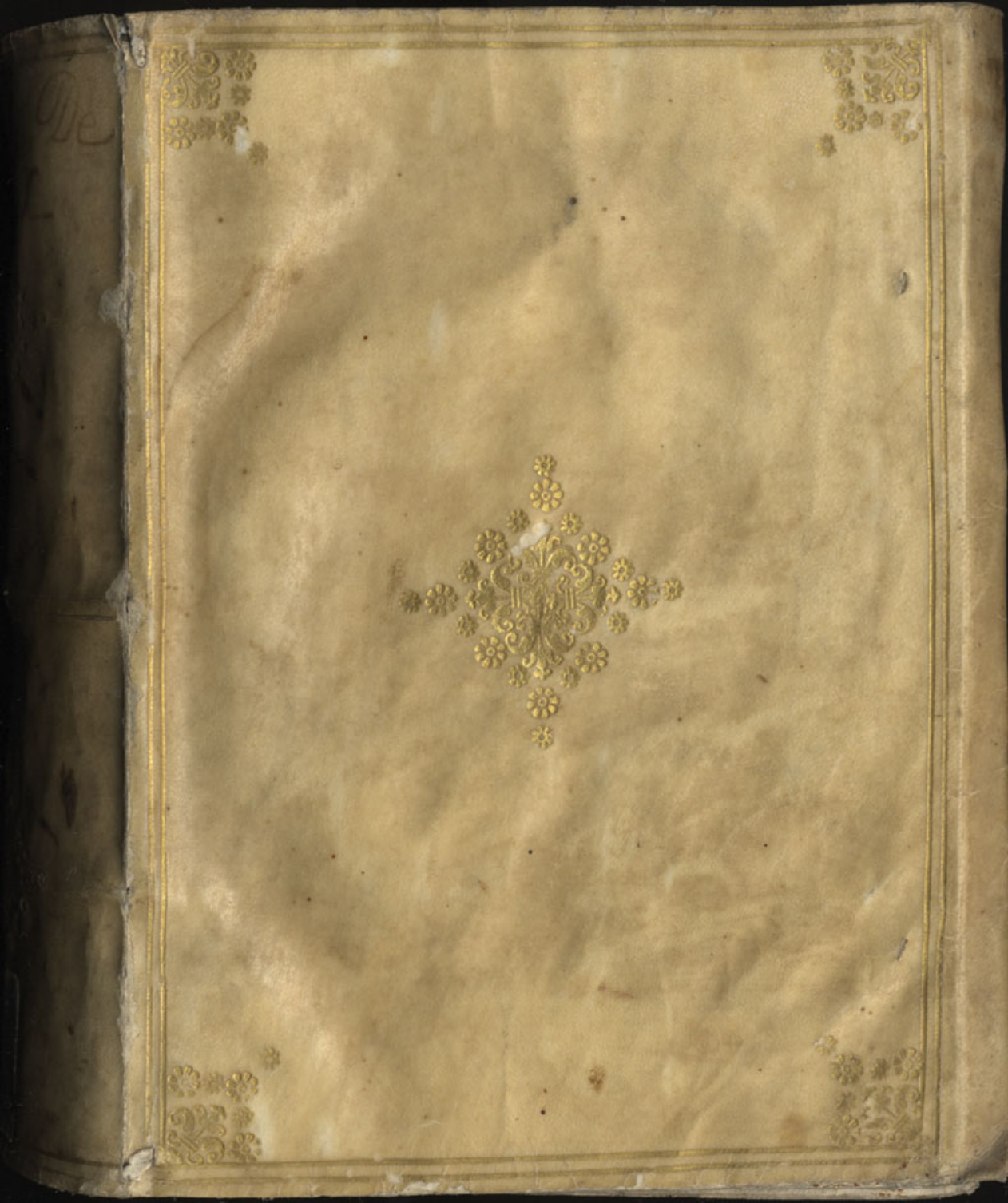




Casa

Gab.

Est.

Tab.

N.º

13

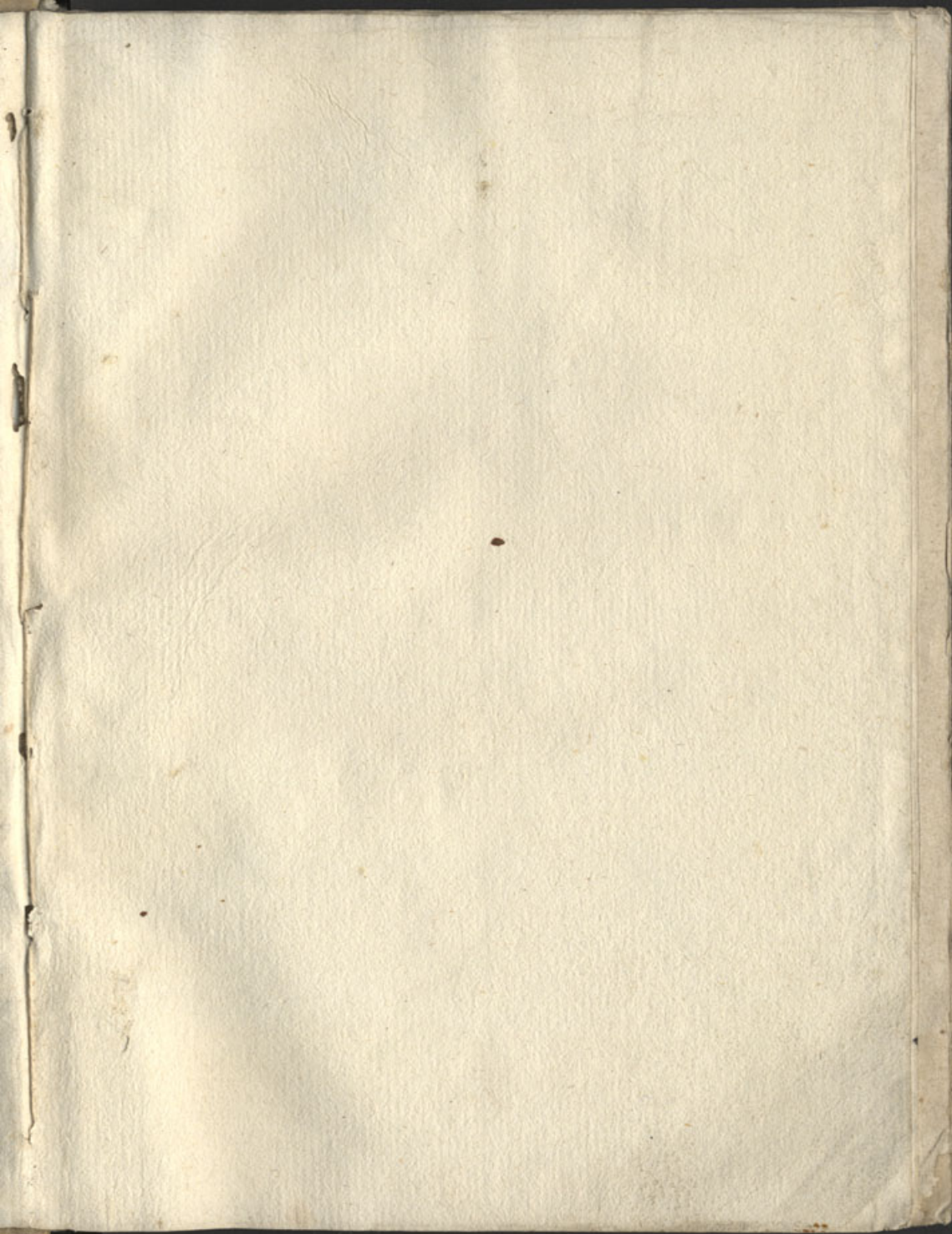
12

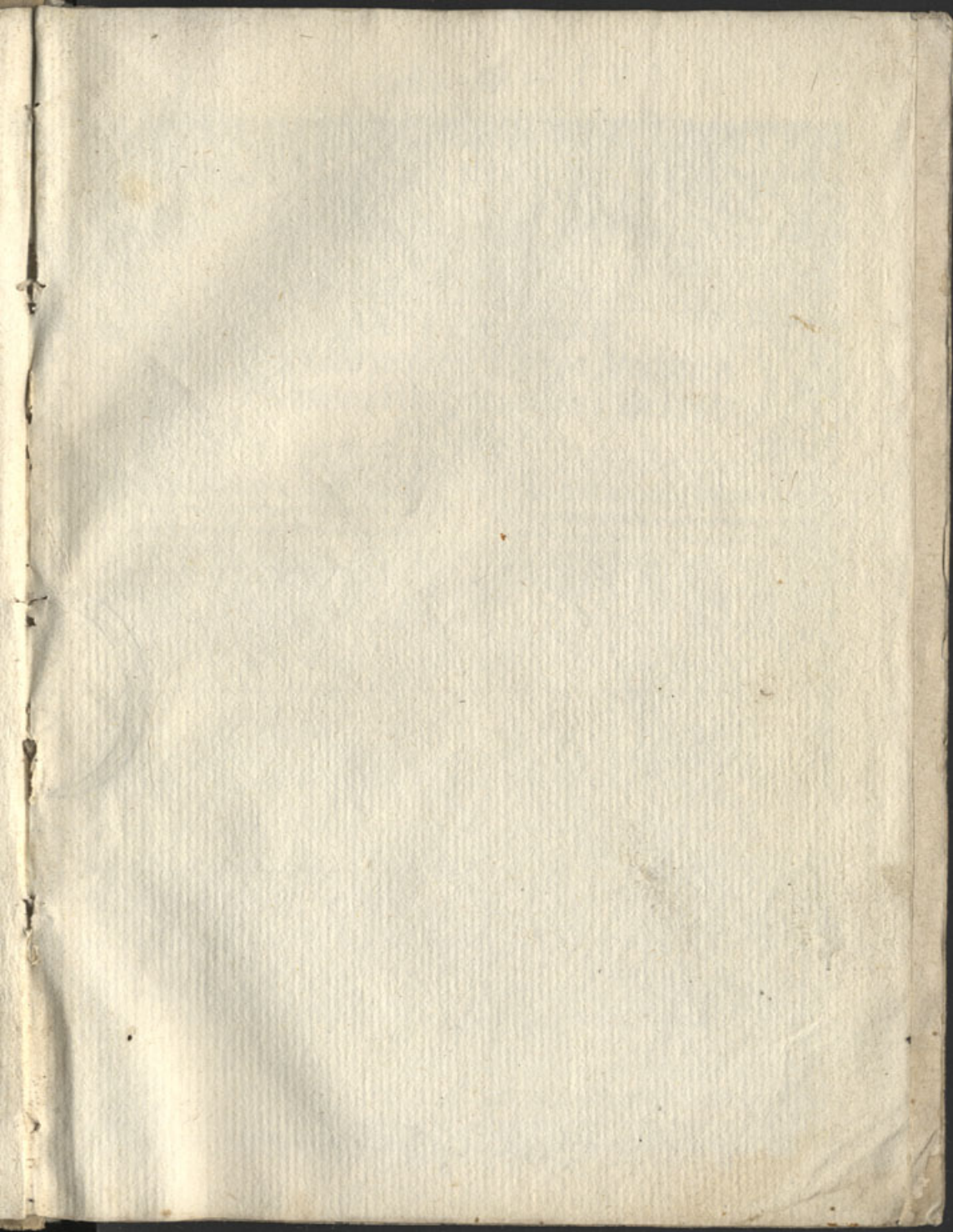
24

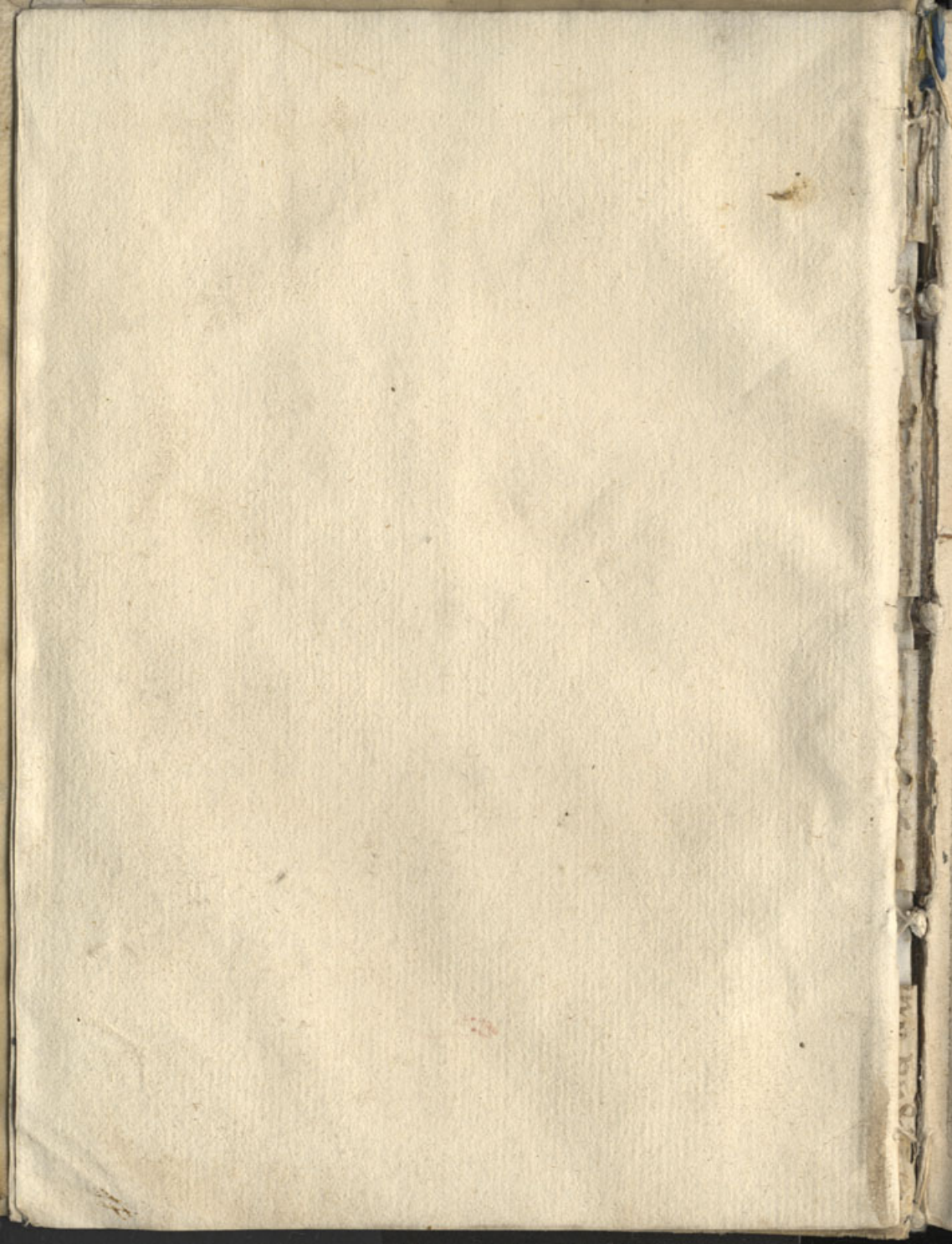
✓ A

12

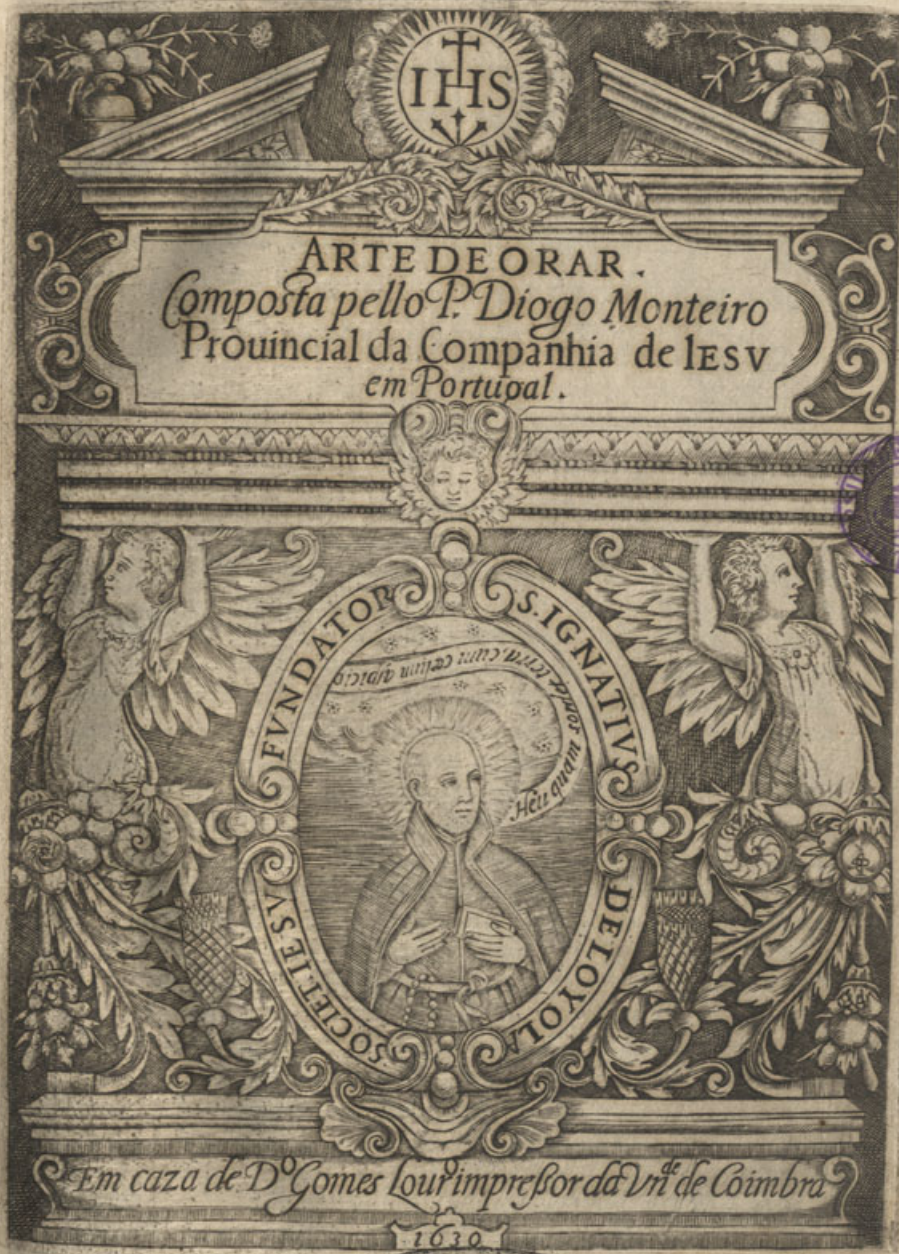
24







(A) - 45-27





AO padre Mestre Fr. Thomas de S. Domingos
que veja este liuro intitulado Arte de orar, &
informe com seu parecer. Lisboa aos 26. de Março
de 1628. annos.

Ioão Aluares Brandão. Gaspar Pereira,
D. Ioão da Silva. Francisco Barreto.
Fr. Antonio de Sousa.

Aprouação.



OM grande alegria de meu coração, prouuera a
Deos, que com igual aproueitamento de minha al-
ma, vi, & considerei (mandandomo assim o illustri-
simo Conselho geral da santa Inquisição) este liuro
que tem por titulo Arte de orar, composto pello
muito reuerendo, douto, & deuoto padre Diogo Monteiro,
Portugues, filho escolhido, & benemerito da insigne, & nunqua
plenamente louuada Companhia de Iesu, Mestre muitos annos
dos Nouiços, com cuja doutrina, & exemplo se criaram os me-
lhores fogeitos della. Proposito que ha sido singular da casa
Professa de são Roque desta Cidade de Lisboa. Não tem cousa
que não diga com a santa fê Catholica, que não cheire a Deos,
que não se ordene pera gloria sua, & que não reforme os costu-
mes dos fieis Christãos. Nesta Arte diuina de orar mostrou o
Autor como tão grande Mestre da oração, & que tanto a exer-
citou em sy mesmo, seu grande talento, pois ella excede na ma-
teria, na dignidade, & na alteza de seus pontos a todas as mais
Artes, & sciencias; & com ser tão leuantada, nada parece que
ficou por dizer, & nada que se lhe possa tirar, mas tudo pos tan-
to em sua perfeição, que bem se deixa ver seu spirito, sua sabe-
doria, sua muita riqueza spiritual aquirida com tantos annos
de Apostolica vida, & doutrina: segue pera mayor, & mais solido
fundamento de seu edificio as Regras do seu glorioso, & inuicto
capitão santo Inácio, tiradas de seus diuinos exercicios, que

tantos varoões illustres, & santidade não criado. Aqui se vê singularmente praticada em lingua materna, toda a sagrada Theologia, em que se trata das virtudes Theologaes, dōs do Spiritō santo: & moraes pella ordem que as tratou o Angelico Doutor santo Thomas, de quem he muy afeiçãoado discipulo, & por isso tão grande Mestre, com excelente estylo, acompanhado de palauras puras, & proprias, ajuntado todo o profundo, cō o breue, o certo com o claro, o vtil com o doce, & suave. He particular nos colloquios tão varios na matéria tão aferuorados, & tão deuotos, que quem bem os considerar, verá que com o deuoto acatamento a diuina Magestade com toda a confiança, & extraordinaria força aquirida na oração, parecem fazer hũa santa violencia a Deos, & lhe roubar suas diuinas riquezas, largadas por particular misericordia sua. Confesso, que em doze annos que ha que faço este officio de Reuedor da santa Inquisição, não veyo a minha mão liuro mais deuoto, mais douco, mais cheyo de flores do Ceo, mais necessario pera todos os Christãos, em especial religiosos; aqui se trata da via Purgatiua pera os que principiarão a virtude; da illuminatiua pera os que vão crescendo; da vniuiua pera os mais perfeitos. Aqui se leuanta de ponto o conhecimento da criação, & contemplação, & se combinão, & ordenão as virtudes em seus choros, & lugares por seus nomes, & officios, começando pellas superiores, & decendo as inferiores, fazendo de todas hũa cadeia de preciosissimo ouro, com suas pedras mais preciosas contedidas, & engastadas na meditação da vida de Christo nosso Senhor. Este me parece aquelle liuro, que metido na boca dos imperfeitos amarga, porem mastigado, & tragado, & ruminado com a consideração, se conuerte em hum dulcissimo fauo de mel, qual o achou mysteriosamente Sãto na candeira do Leão, tal liuro sahio das Escolas que o glorioso padre santo Inacio fundou na Igreja militante, que bem merece ser contado entre os mais celebres da Religião bem merece que por todo o mundo vee sua fama, & ande por mãos de todos os Christãos, & todas as linguas, pois não duvido que quem nelle se exercitar alcançará com certeza de Deos o bem de seu nome se escreuer no liuro da vida; tão pura he sua doutrina, tão efficaz a força desta Arte diuina, & com razão diz o Autor doutissimamente, que a

alma,

alma que cõtempla em Deos, vfa da Arte de orar, penetra os
Ceos, & corre os secretos aposentos das eternas moradas, &
logo descendo vè, & discorre liuremente, fazendo presente a sy
o mundo inferior com todas as cousas de que se adorna ate ver
as penas dos danados, colhendo de tudo frutes, & proueitos
spirituaes; estes colhera dignos de penitencia, ainda o mayor
pecador se quizer abraçar a doutrina deste liuro, pera gloria de
Deos, & saluação de sua alma. Este he o meu parecer que dou
com toda a verdade, assim como entendo que deuo fazer. E se
por ventura alguem cudar que ei dito muito (cudando eu que
he muito pouco) lea o liuro todo, & verà que não tem lugar
este seu pensamêto. Pelo que se lhe pode dar a licença que pede
o Autor pera o imprimir. Em S. Domingos de Lisboa vltimo
de Julho de 628.

Fr. Thomas de S. Domingos Magister.

Dê

Fr. Jorge Pignatino.

DE mandado do supremo tribunal do santo Officio vi sete cadernos que compos o muito reuerendo padre Diogo Monteiro, Prouincial da sagrada Religão da Companhia de Iesu, dos quaes o titulo he, Methodo de Confissão gèral, Aqual obra o Autor acrescenta ao seu liuro de Meditação. De sorte, que fica sendo esta obra como reliquias daquelle seu primeiro pensamento tão leuantado ao Ceo, & inflamado no amor diuino: com as quaes reliquias faz hum dia de festa ao mesmo Deos, conforme o que diz o Propheta Rey Psalmo 75. *Quoniam cogitatio hominis confitebitur tibi, & reliquias cogitationis diem festum agent tibi*, pera que desta maneira não sò entregasse a Deos as primicias de seus cudados, mas ainda as reliquias de seus pensamentos; & assim todos de todo a Deos fiquassem consagrados; comprindo nisto o que disse Theodoretto: *In Hymnorum cantillenas cogitationes consecramus, nec minimam quidem earum partem in aliam curam occupantes*. Nestes poucos cadernos recopilou, o Autor toda a Theologia moral, dando noticia de toda ella, o que fez com tanto artificio, & zelo da saluação das almas, que não sò alumia o entendimento, mas inflama a vontade. E assi fica o liuro perfeito. *Nam lucere, & ardere perfectum*, como diz o glorioso S. Bernardo, pelo que me parece obra muy digna de se imprimir, na qual não achei cousa que notar, antes muito que imitar. Dada neste Collegio de santo Thomas de Coimbra a 22. de Novembro de 630.

Fr. Jorge Pinheiro.

L I C E N C, A S.

Vista a informação, pode-se imprimir este liuro, & depois de impresso torne conferido com o original, pera se dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Lisboa aos 3. de Agosto de 1628. annos.

*Gaspar Pereira. Francisco Barreto.
Frey Antonio de Sousa.*

Pode-se imprimir este Liuro. Coimbra 7. de Novembro de 630.

Diogo Dalmeida:

QUE se possa imprimir este liuro vistas as licenças que tem do santo Officio, & Ordinario, & não correrá sem tornar à Mesa pera se taxar. Em Lisboa 7. de Agosto de 628. annos.

*Cabral. Pimenta Dabreu.
Mesquita. Salazar.*

*Mutius Vitellescus Societatis Iesu Præpositus
Generalis.*

CUm opus hoc, cui titulus est, A R S
CORANDI in lingua Lusitanica à P. Di-
daco Monteiro Societatis nostræ Theologo,
& Prouinciæ Lusitiæ Prouinciali compo-
situm, quatuor eiusdem Societatis Theologi
recognouerint, ac in lucē edi posse probaue-
rint, facultatem concedimus, vt Typis man-
detur, si ita ijs, ad quos pertinet, videbitur. In
cuius rei fidem has literas manu nostra sub-
scriptas, & sigillo nostro munitas dedimus.
Romæ 20. Septembris 1630.

Mutius Vitellescus.

A Illustris

A ILLVSTRISSIMA

SENHORA D. IOANNA DE

Castro Condeffa de Penaguiam,

P A R T E de agradecimento he conhcer hum o que deue, & fazer com que outros o conheção, com o publicar. Pera que este me não falte, nem à nossa Companhia de IESV, cujo minimo filho sou, pera com a pessoa de V. S. Illustrissima; quero com este pobre presente, declarar, a obrigação em que todos estamos a V. S. pello emprego de beneuolencia, & deuação, que faz, pera com nossa Religião, abraçando com tão conhecido exemplo a doutrina, & spiritual ensino com que nosso Instituto guia as almas ao Ceo, como sou testemunha, & declara a fama da rara piedade de V. S. pera com Deos, da deuação, & reuerencia pera com os Religiosos, da grande modestia, & comedimento pera com figo, da misericordia pera com os pobres, da benignidade pera com todos, acompanhada de tanta discrição, & valor pera emprender, & facilmente acabar obras de virtude que dão claro testemunho de seu aproueitamento spiritual, de suas marauilhosas virtudes, da inteyreza da vida, & limpeza da alma, que em V. S. como em espelho claro resplandecem.

Por onde Illustríssima senhora , se bem por linhagem, & sangue nobre, não menos pella ventajey, que a magnifica pessoa de V. S. faz a tantos em piedade, & deuação herdada de seus mayores para par com a esclarecida grandeza da geração derivada de Reys, Principes, Condes, & Barões excellentes, de que deçe, antes sobe a linha de sua alta casa, accite V. S. como primicias de meu bom desejo, este pequeno presente, o qual ainda q̃ por ser meu, não tenha preço, nem pezo, sem duuida o terà pello bom gazalhado, que no emparo de V. S. achão todas as cousas de piedade, receba V. S. este pequeno seruiço, que deue medir, não pello que em sy he, mas por sua grandeza, & benignidade, & juntamente pello affeito com que se offerece.

Empare V. S. & acredite este liuro, & Arte de orar pera que correndo por outras mãos, seja accito com o sucesso, & beneuolencia que se deue às cousas em que V. S. põem os olhos, & fauorece, que se a ordinaria valia, & estimação dos diamantes he mais estimada pellas mãos que os trazem, ninguém duuidará, vendo este nas de V. S. que será o seu preço inestimavel; & desta maneira, satisfará V. S. em o fauorecer, não só à opinião que se tem de sua deuação, & spiritu, mas também às obrigações que tem a Christo nosso Senhor, de cujos diuinos mysterios, & sandaueis meditações o liuro trata.

Conserue embora a Raynha de Polonia por grã-
deza

deza de seu thesouro, a penna com que Ouidio escreueo os seus poemas, engastada em ouro com o nome do Poeta engenhoso; estime embora Liuia Romana, os poucos versos com que Virgilio chora a morte temporam do mancebo Marcello, esperança não só da casa Augusta, mas da grandeza de Roma, & em tal estima os tenha q̃ mande pagar cada hum a rezão de talento, que estas vaidades com que a gloria mundana quer ser afamada, prezando em muito peças de pouco valor, negando o foro que deue a cousas de mais alto quilate, longe vão do peito, & presença de V.S. que só sabe ter em muito os bês da alma, em que vai tudo, só aposenta em seu seyo grandezas do Ceo; que tem todo valor.

Raderó in
Martial.

Cerda in 6.
Aeneid.

Por tanto soffra V.S. o atreuimento com que minha vontade se liberta do enleo, em que a trazia o receo, de achar quem recebesse dom tão grande, como he o da Oraçam mental, ornado com o escaço appar ato de meu humilde arrezoadado, sahido da força de minha frieza na meditação, & contemplação de mysterios tão levantados, cõposto por mão de meu limitado discurso, ordenado pello acordo de meus sentimentos, tão pouco entrados da doutrina do Ceo. Mas como os preceitos, & regras que contem, foram fabricadas na officina da charidade, & conhecimento de Deos, em que S. Inacio Fundador, & pay nosso, & outros mestres de virtude, estauão bem versados, & praticos, acharà a deuação de

de V. S. não pena de quem oje pena no inferno pelas liuiandades, que com ella escreueo, mas a pena de pomba prateada de Dauid, que são as azas da vida contemplatiua, que tanto se leuantaõ sobre o andar dos filhos da terra, que nos chegaõ a por no andar dos filhos de Deos.

Com estas azas como Aguia generosa custuma V. S. levantar-se do baixo ao alto, da terra ao Ceo, quando com seu raro exemplo se sabe retirar ao sancta sanctorum de seu oratorio, & nellle gasta cada dia tanto tempo na consideração dos mysterios diuinos, que justamente mostra a propriedade das azas estendidas com que voa, sua mão armada com espada feita no braço de seus esclarecidos auõs os Ataides.

E ainda que o intento dos primeiros que estas armas inuentaram, foi outro, com tudo com mais diuina prouidencia, & anticipada sabedoria as esteue Deos com sua poderosa mão pintando, como exemplar, & treslado, do que ao diante em V. S. se auia de comprir.

As azas denotam os apressados voos da contemplação com que V. S. à imitação dos Seraphins do Ceo està adejando diante do trono de Deos, dizendo Santo, Santo, Santo Deos Senhor dos exercitos.

Entre estes bem ordenados de santos batalhadores, & vencedores do mundo, diabo, & carne vejo

a V.S. cō braço varonil armado da espada da mortificação, & penitencia fazer guerra contra os mi-
mos da carne, embaraços de delicias, com que oje
se trata a fidalguia mundana, vaidades da Corte em
que V.S. cō tanta innocencia se criou, cortando per-
gula de manjares cō o jejum, per conuerfações, &
retiramento de gente menos deuota cō o retiramē-
to ainda de terras apartadas tudo com tanta valétia,
& felicidade, que bem mostrão as armas, & titulo
de Penaguião as penas de oração, & penalidades de
mortificação com que V.S. vai guiando sua alma ao
alto do monte Libano do Ceo, onde pretende tirar
a medulla do amor diuino do Cedro de eterna ver-
dura, que he Deos.

Dedicou o grande Doutor da Igreja S. Hieroni-
mo, a vida, & feitos celestiaes de S. Paulo à virgem
Eustochio sua filha imitadora de suas virtudes, auē-
do que não auia quem se se dedicasse cō mayor
rezaõ obras de hũa senhora santa que a outra de
sua mesma geração, herdeira de sua deuota vida,
vou logo ao prumo do que deuia fazer dedicando a
V.S. esta obra, em que se mostra o caminho da sal-
uação, começado a gozar neste desterro, pella con-
templação, por onde tantos dos progenitores de
V.S. sobiram à vida immortal, tomando a estrada
franca da piedade, & deuacão, com que V.S. tanto
segue suas pizadas.

E na verdade, que assi como entre a santa fami-
lia

lia, & linhagem de S. Gregorio Nyffeno, ouue hua
santa Macrina, que os Romanos Pontifices entre os
mais lumes canonizados daquella familia leuanta-
ram ao tocheiro da Igreja Catholica. Assim entre os
ascendentes da illustre familia dos Ataides resplan-
dece V. S. alumando o mundo com rayos de vir-
tude, & exemplo, como estrella matutina, como
lume da primeira grandeza, à vista de tantas lumiei-
ras do Ceo.

Quem não dará este titulo a qualquer daquelles
illustres senhores do solar dos Ataides, clarissimos
Condes de Atouguia, de quem V. S. traz geração
por linha paterna? Não foy tocha deste Reyno, &
de todo mundo, & oje he do Ceo o sempre memo-
rauel Egas Moniz, tão cabido com o primeiro Rey
de Portugal Dom Afonso Anriques, que assim se
governaua por elle, como por mestre, & pay.

Pois este he o tronco da florente familia dos
Ataides, em cuja aruore lustrou com fructos de
eterna dura na memoria dos mortaes, primeira-
mente Dom Aluaro Gonçalues de Ataide, primei-
ro Cōde de Atouguia, que ouue o titulo em tempo
do Infante regente; suas grandes partes, assim em
virtude, & esforço, como em piedade, & merecime-
tos, declara no moimento de seu Condado a cam-
pa que cobre seu jazigo, mostrando insculpida
hũa notauel memoria, & digna de auerem, & lerẽ
mais gentes, do que pode ser naquelle escondido

canto

canto do Reyno. O q̃a mim dá motiuo pera aqui
a tresladar, no teor que està, procurando que tenha
a clara fama que merece, & se liberte do enuejoso
esquecimento que com as cinzas do illustre Con-
de, a quer totalmente sepultar, diz pois assi.

¶ Este moimento, que encerrado tem o corpo do
magnifico D. Aluaro Gonçalues de Ataide Conde
de Atougia, & senhor de Monforte, nam poderá
encerrar, né esconder suas virtudes, as quaes como
quer que sua alma, segundo piadosamente cremos,
voassem ao Ceo, a sua rara memoria, ficou em a
terra, por ser aos mortaes muy clara de virtudes, &
exemplo que se as quisessemos demonstrar, não so-
mente esta pedra, mas ainda hum grande volume
de escritores, as não poderia comprehender. Este
dos seus primeiros annos, desprezadas as brandas
paixões, cõ q̃a aos mancebos às vezes desuairam, dos
virtuosos caminhos, ajuntou com ardidez, que do
meu excellente Caualeiro Martim Gonçalues de
Ataide, seu padre per direito de herança, lhe acon-
tecera, hũa mansidão misturada com muita prudẽ-
cia, & conuersação graciosa. Assi que a verdade da
vida sem hypocrisia, & sem outras falsas ceremo-
nias da fingida religião, em elle tanto luzio, que não
samente as suas obras, mas ainda os seus maduros,
& saõs conselhos, aos Reys de piadosa lembrança,
D. Ioão, & D. Eduarte, cujo conselheiro foy, muito
prestarã, assi nos feitos de guerra, que nos seus pri-
meiros

meiros annos, o dito Rey D. Ioaõ ouue com elRey
deCastella, nos quaes elle assas perigos, & trabalhos
soportou, como depois a guerra acabada, nas ou-
tras cousas que pertencião ao regimento do Reyno
visitou a casa santa de Hierusalem, & foy na guerra
de Sulna com o Emperador Segismundo, & dahi
foi com elRey D. Ioaõ na tomada de Cepta, cõ assas
gente de armas acompanhado, & depois foy com
o Infante D. Henrique, no descerco da dita Cidade,
& no Conselho geral de Cõstancio. Esteue naquel-
les toruados tẽpos da diuissam da Igreja, por parte
do dito senhorRey, atẽ que arrancada a Cisma, foy
hũ sò Papa Martinho em Thiben criado, & depois
foy Ayo delRey D. Affonso agora bemauenturada-
mente reynante, o qual assi o criou, & ensinou, que
alem de sua marauilhosa natureza, muito se mostra
oje em elle a sua doutrina. Partiose desta vida em
idade madura anno de 1452. em grande prosperi-
dade deixou muy honrrados filhos successores, &
memoria gloriosa nos vindouros segres. Atẽqui o
claro Epitaphio. O qual ninguem julgue por su-
perfluo nesta carta que enuio a V. S. porque como
ha de ser lida de muitos, he bem que todos tomem
os exemplos, de tão esclarecido senhor, se quierem
deixar memoria de sy, & tambem pera que nã
encerre sò o sepulcro, de tão illustre Principe, tes-
temunho, que faz tanto em abonação de suas excel-
lentes yrtudes.

E pois

E pois pera tão justos intentos, & luz da anti-
ga profapia de Vossa Senhoria dei vista deste ramo
aureo de tão insigne aruore, com o mesmo fim
mostramos outros de não menor riqueza, & fer-
mosura; qual foi o senhor Frey Ioão de Ataíde
neto de Dom Alvaro, que depois de viuuo, deu de
mão ao mundo, & se abraçou com a Cruz, & spíri-
to de S. Francisco, de cujas heroicas virtudes faz
larga memoria a Chronica Seraphica na parte 4.
Entre ellas aleuanta mais este de que creescreuo,
que he oração, da qual faço a V. S. neste liuro hu-
milde offerecimento.

Este santo Frey Ioão he aquelle sapio sem letras
ensinado no geral da contemplação, pello mestre
de S. Boauentura que he Christo crucificado, jo
qual da Cruz como de cadeira, lhe daua taes pre-
ceitos, que o fazia sobranceiro a toda doutrina do
seculo.

Este he o Seraphim verdadeiro, que ouuindo fa-
lar da gloria, muitas vezes se arrebatoua em alto,
leuado nas azas da oração, sem acôrdo de sy, nem
da terra.

Este o que não podendo ter mão no feruor da
alma quando oraua como fora de sy, röpia a miude
em sospiros tirados do profundo do coração, &
faudades amorozas do summo bem.

A este aconteeço no Mosteiro da Conceição jū-
to a Sacuem, que estando meditando na Coração
de

de espinhos do bom IESV, como esquecido de sy, sahio bradando, & chorando, & juntamente sentindo em sua cabeça a dor que o Senhor com a Coroa sentio na sua.

Este heio feruoroso contemplatiuo, que cudadando na prizão do Senhor se levantou, como desacordado de sy, & lançou a correr pella Igreja, onde oraua, como acodindo ao afrontado IESV, & indo à mão aos crueis ministros, que nelle tão impiamente punhão as suas.

Estando este humilde varão com seu irmão Frey Martinho da Piedade Religioso da mesma Ordem em casa de seu pay por muitos dias, pera o animarê, & consolarem em sua enfermidade, não achando outro retiro mais a seu propósito, se hia orar a hum palheiro, sem auer quem o podesse estoruar, dizendo que aquellas palhas leuantauão seu spirito, & representauão o presepio onde Deos feito homẽ naceo.

Abrazado este Anjo da terra, ou homem do Ceo no fogo do amor diuino, & desejando que todos os Religiosos entre os quaes viuia, se abrazassem da mesma maneira, ordenaua confrarias com titulo de Amor diuino, pera as quaes conuidaua os Religiosos mais feruorosos, com obrigação de rezarem cada dia certas orações pella intenção do Amor diuino, & memoria continua de Deos. Assim por sua ordem, quando estes Confrades amorosos se en
contra-

contrauão, pera espertarem a sua tibieza, ou dizião
hũs aos outros, Sursum corda, ou leuantauão o
dedo pera o Ceo.

Larga materia he a das virtudes deste santo, que
se eu todas quisesse tocar não bastaria este volume,
pera as comprehender, mas porque não fazem tan-
to a meu intento como os exemplos da virtude da
Oração de que trato, & este liuro de Vossa Senho-
ria trata, as deixo; & mostro outro ramo, de outro
Frey Ioão de Ataide, senhor de Atougua, bisauò do
santo, de que atègora falei, o qual deixando o esta-
do, se meteo frade menor, dando por herança o
nome, religião, & virtudes a seu bisneto.

Deixo o muy illustre Conde D. Luiz de Ataide
Visorey duas vezes da India, por seus claros feitos,
& abalizadas vitorias, tão honrado delRey Dom
Sebastião, que ao sahir da nao a primeira vez que
veyo da India o trouxe consigo de baixo de hum
palio atè S. Domingos em Lisboa, onde ouue pré-
gação de suas vitorias, & insignes virtudes, com
aceitação de toda nobreza, & alegres viuas da gen-
te Portuguez.

Donde colherà V.S. com quanta rezaõ lhe offe-
reço esta obra de piedade, & deuação, pois por li-
nha paterna, tras taõ de longe herdadas estas vir-
tudes, como bem mostram estes exemplos; & vlti-
mamente o está testemunhando o sumptuoso tẽplo
de S. Francisco de Emxobregas, de que são padro-
eiros

eiros os Condes de Atouguia, por dar pera elle o
sitio, & fundação a Illustre senhora Dona Guiomar
de Castro molher do Conde Dom Aluaro Gonçal-
ves.

Confio pois, que já que V. S. he por linhage pa-
droeira, & fundadora de hũa casa de oração, de hũ
Mosteiro de Religiosos consagrados ao culto diui-
no, tambem terà deste liuro, cujo materia he de ora-
ção mental, & por isso humilmente pede a V. S. seu
patrocínio, & emparo.

Não corre menos esta deuação, ou obrigação
a V. S. pella parte dos Anõs maternos, os mais assi-
nalados, & illustres Limas, dos quaes decem aquel-
les esclarecidos Sãs, que tantas vezes tiueram foro,
& alta moradia na casa Real, alem de serem Alcai-
des mōres da Cidade do Porto, senhores de terras
estendidas, Mega, Ferreira de Aues, Villafior, Paulia,
Matosinhos, & outras muitas, com nobilissimos
cargos que possuiram, já Veadores da Fazenda
Real, já continuos da Camara dos Principes, & ma-
gestades, já Capitaõ da guarda dos Reys, já Gover-
nadores de Portugal, capitaes de Sofala, & em fim
illustriissimos Condes de Penaguiam.

Não falo nas esclarecidas casas, que acrecenta-
ram seu lustre, emparentandose com o illustre san-
gue de Vossa Senhoria, quaes forão Mirandas, Pa-
checos, Cunhas, Menezes, Noronhas, Castelbran-
cos, ficando assi liadas com a de V. S. as emno-

breci.

brecidas familias dos senhores de Cerolico de Basto, de Cantanhede, Condado de Villa noua de Portimam, & dos Biscondes de Villa noua de Cerueira, que oje se intitulaõ de Ponte de Lima, tudo pera mayor lustre da familia dos Limas, que conseruaõ o seu apellido ha seiscentos annos, & trezenros que vieram a este Reyno, de Castella em tempo de D. Pedro o cru.

Aqual illustre, & Christianíssima prosapia aquê vé os estremados exemplos da virtude, & piedade, que nella floreceram de penhores certos de que não fallecerã em V.S. tão subido louuor. Antes acolherã a sua sombra estes tratados de deuçam: pera os emparar, como fariam seus antigos progenitores, pois não desdis de sua afamada piedade, antes a leua por diante, dandose V.S. toda tão de veras a contemplação, & culto diuino, que escusado fora tratar eu de outra nobreza, de outros troncos, & linhas, onde estão os soberanos dotes, & virtudes heroicas que em V.S. resplandecem.

Bem se deixa ver que não era necessario fazer historia de anoengos, & memoria de antepassados, porque este vso he dos que querem recompençar a esterilidade de seus ramos com a fertelidade do tronco, & rays donde procedem; que se foi sol a virtude, que amanheceo nos altos montes de seus primeiros pays, já em muitos delles anoiteceo, cõ as treuas dos vicios dos filhos, de ma-

neira que igualmente nos ficam offendendo a vista, así a clara luz dos ausentes, como assombrando as escuras treuas dos presentes. Tendo pois que contar em V. S. exemplo de virtudes, & santidade de vida, deuia eu seguir o conselho de S. Hieronymo escreuendo a vida de outra illustre & santa matrona Paula, onde diz. outros repitaõ mais de longe, & comecem tecer o fio de sua historia, do berço dos tenros annos de Paula, da nobreza de sua mãy Blefilla, & pay Torquato, dos quaes o pay he da geração dos Scipoës, & Grachos Romanos, a mãy, segundo he fama por toda Grecia traz origem da quelle famoso Agaménon que arrazou Troia com o cerco de dez annos. Nòs nada louuaremos senão o que he proprio desta santa, & sahido da purissima fonte do spirito.

Isto diz o santo, & eu com elle de certo modo digo o mesmo, arrependido por me parecer que ja sou reprehendido de V. S. por fazer relatorio, ainda que breue, & compendiofo de seus mayores illustres, & santos, deuendo sò determe no que V. S. tem tanto de seu, que não espera cores alheas, dos q̃ lhe deraõ sangue, & nobreza pera se acreditar. Mas pera que com nouo discurso dos dotes da alma, & doës do Ceo, que em V. S. se descobrem, não padeça seu abrazado, & modesto spirito a pena, que a humildade tem por gloria cõ taes louueres, nê tome desconfolação por tirarmos a luz os bês da alma q̃
com

com santa modestia, V.S. encobre, não resta mais q̃ encarecer a V.S. o muito, q̃ toda esta sagrada Cõpanhia de IESV conhece deuer, sê poder perfeitamẽte pagar a piedade, & deuiaçõ q̃ V.S. tem a seu instituto, a frequẽcia com q̃ continua os sacramẽtos em suas Igrejas, as esmolas com que sustenta suas casas professas, os conselhos de nosso spirito, com q̃ V.S. pretende regular sua vida, os fauores em fim com q̃ nos ajuda, & defẽde, diante dos homẽs, & oraçõs diante de Deos, tudo com tanto amor, & perseverança, q̃ vimos a cuidar, q̃ de nossos trabalhos assi ajudados por V. S. tem Deos tirado grande parte do fruto, que o mundo vè, & venera em conuerter gẽtios, reduzir hereges, ensinar Catholicos, confessar pecadores, aos proximos consolar na vida, ajudar na morte. Pello que ficamos obrigados a pedir a nosso Senhor dè a V.S. tam grandes crecimẽtos em virtudes, que a possaõ tomar por espelho de suas vidas os que agora viuem, & por modelo de costumes santos os que diante forem.

E eu em nome de toda nossa Religiaõ ponho aos pès de V.S. este liuro em reconhecimento do muito que desejamos offerecer, offerecendome juntamente com todos a encomendar tam illustre pessoa, & casa a Deos nosso Senhor autor de todo bem. Elle guarde a V.S. como pode.

Diogo Monteiro.

Prologo ao Leytor.

PARECEME que nem compriria com a obrigação de meu officio, se depois de auer mais de trinta annos, que a Companhia me tem occupado em exercicios spirituaes de governar almas, & ensinar Nouiços, não deixasse à minha Religião por escrito algũa parte do muito que por tantos annos, com tão larga experiencia aprendi na escola do liuro dos Exercícios spirituaes de nosso glorioso Padre santo Inacio. Por esta causa ja ha annos que lancei os primeiros fundamentos a esta obra, fazendo todas as diligencias possiueis, alsi na lição dos santos Padres, como no trato das cousas spirituaes pera tirar a luz este liuro.

O foyeito em que particularmente se emprega he a oração mental, materia muy necessaria pera todos, & muy propria da Companhia: mas por outra parte tão sublime, & excelête por ter por objecto seu principal ao mesmo Deos, que ainda os que della temos mais experiencia, cõfessamos que ficamos muito à quem da sua prefeita comprehensão: pois nem os mais sabios Cherubins podem com seus agudos voos penetrar tão alto, que Deos lhe não voe por cima, cõforme cantaua o Rey Propheta: *Ascendit super Cherubim, & volauit*: as quaes palavras deu por glossa S. Agostinho: *Exaltatus est super plenitudinem scientie, ut nemo ad eum perueniret*. E os Cherubins de Ezechiel, ainda que estauão vestidos de olhos, não podião ver mais que hũa semelhaça da gloria. *Hec visio similitudinis gloriae*. Pera que entẽdamos, diz S. Gregorio, quam pouco entenderemos os homẽs desta gloria; *Non visio gloriae, sed similitudo gloriae, ut ostendatur, quia quantalibet, se intentione mens humana tendat, ad huc tamen in corde mortali posita videre gloriam Dei non valet*. Por onde ainda os que mais alcançaõ nesta vida nos mysterios diuinos,

Psal. 17. n. 11
August. ibi.

Ezech. 2. n.
12.
D. Greg. humil. in Ezech.

nos, & na vida de Christo ficão sendo ignorantes; à vista do muito que lhes fica por saber; ao seu Cantico em que se fala na vinda de Christo por o Propheta Abacuc por titulo. *Oratio Abacuc pro ignorantibus*: pera nos dar a entender o pouco que alcançamos na terra das cousas do Ceo: Sô as sombras vemos desta luz: pois até a Virgem santissima tão alumada com os rayos do Sol diuino entendeo por sombras estes mysterios; q assim explica o seu deuoto Bernardo, aquellas palauras de S. Lucas. *Virtus altissimi obumbrabit tibi*. Por isso quando Moyses falaua com Deos, vinha hũa nuuem, que lhe cercaua, & rodeaua o monte todo: Salomão quando entrou no Templo, veyo hũa neuoaz que o cubrio todo; & Sacerdote fumo não entraua na Sancta sanctorum, como notou Abulense, senão com grandes, & espessos fumos. *Ut operiretur Propitiatorium, & nihil videret de corpore latente in Propitiatorio*: de maneira, que os que mais alcanção de Deos, vêm por sombras, olhaõ por neuoas, & entre nuuës.

Assi confesso de mim, que quando mais por tão largos annos hia descobrindo nesta diuina Arte da oração mental, tanto menos me achaua com animo pera della dizer algũa cousa, como acontecia a Moyses, que depois que falaua cõ Deos, & entendia seus profundissimos mysterios, entãõ dizia que não sabia falar. *Ex quo locutus es ad seruum tuum impeditus, & tardioris lingua sum*: Com tudo pois estou ja portantas vias penhorado algũa cousa falaremos ainda que vamos como às cegas buscando esta diuina luz. E por que saiba o methodo, & ordem que guardo neste liuro, repartirei esta obra em vinte & noue breues Tratados. No primeiro falaremos da oração mental em geral: no segundo do Autor, a quem principalmente seguiremos, que será nosso santo Padre Inacio; primeiro Capitaõ desta minima Companhia, & pay meu spiritual, com cujo nome pretẽdo

Abac. p.

Luc. 1. n. 36.
Bern. epist.
77.

Exod. 24. n.

13.
3. Reg. 8. n.
10.

Abulen. in
Iosue 7. 9. 12

Exod. 4. n. 10

autorizar

autorizar esta minha obra, da maneira que o Sabio quis
autorizar os seus Prouerbios, pondo no principio delles o
nome de seu santo pay David: *Parabola Salomonis filij David,*
&c. No tratado terceiro falo das potencias da alma, que
concorrem pera a oração: no quarto até o doze, trato das
virtudes Theologaes, & Moraes, até chegar à virtude da
Religião; cujo ramo he a oração; a qual definimos, & deui-
dimos no tratado treze, & logo no seguinte falamos na
meditação, abrindo copiosissimos thesouros, dos quaes se
tiraõ as meditações: E no tratado quinze, pomos em praxe
a theorica, & especulação da meditação. Nos tratados se-
guintes descruemos as especies, ou ramos da virtude da
Religião, como são, Petição, Obscração, Insinuação, &c.
E no tratado vintoito, explicarei que cousa seja contempla-
ção; no tratado vltimo pomos hum exame geral, & apare-
lho pera qualquer pessoa se confessar: o qual posto q̃ tinha
seu lugar quando falamos no exame da consciencia do nos-
so santo Padre Inacio, com tudo me pareceo melhor deixa-
lo pera o cabo, por não interromper a ordem dos tratados,
E se a vida me der lugar, & as grandes occupaões desta
Prouincia; prometo com a graça diuina, de sahir muito
cedo cõ o segundo tomo pertencẽte aos attributos diuinos.

INDI-

INDICE
DOS CAPITVLOS, E DIVISAM
deste Liuro.

TRATADO I.

Da oração em gèral.

CAPITVLO I.

- D**A nobreza da oração. fol. 1.
Capitulo. 2. Das riquezas da oração fol. 2.
Capit. 3. Da medicina da oração pera a alma, & corpo. fol. 2.
Capit. 4. Da luz da oração. fol. 3.
Capit. 5. Da santidade da oração. fol. 3.
Capit. 6. Da Fortaleza, & armas da oração. fol. 5.
Capit. 7. Da suauidade, & gosto da oração. fol. 6.
Capit. 8. Exemplos da nobreza da oração. fol. 7.
Capit. 9. Exemplos da medicina da oração. fol. 7.
Capit. 10. Exemplos da força da oração. fol. 8.
Capit. 11. Exemplos da suauidade da oração. fol. 9.

TRATADO II.

*Do Autor, & doutrina que principalmente seguiremos
nesta obra.*

- Capit. 1. Do Autor da obra. fol. 10.
Capit. 2. Do liuro dos Exercicios de nosso santo Padre Inacio.
fol. 11.
Capit. 3. Da repartição do liuro dos Exercicios. fol. fol 11.
Capit. 4. Da doutrina dos Exercicios. fol. 12.
Capit. 5. Da nobreza dos Exercicios. fol. 13.
Capi-

Indice dos Capitulos.

Cap.6. Da Aprouação dos exercicios. fol.14.

Cap.7. Do vso dos exercicios. fol.15.

Cap.8. Dos effeitos dos exercicios. fol.16.

TRATADO III.

Das Potencias, & affeitos de nossa alma.

Cap.1. Da diuisão das Potencias de nossa alma. fol.18.

Cap.2. Do obiecto das Potencias d'alma. fol.19.

Cap.3. Da subordinação, & harmonia que guardam entre sy as potencias de nossa alma. fol.19.

Cap.4. Dos Años do entendimento. fol.20.

Cap.5. Dos affeitos da vontade, ou appetite em geral. fol.21.

Cap.6. Da Paixão do Amor. fol.21.

Cap.7. Do Affeito do desejo. fol.22.

Cap.8. Do Affeito da esperança. fol.22.

Cap.9. Da Audacia. fol.22.

Cap.10. Do gozo. fol.22.

Cap.11. Da Paixão do odio. fol.23.

Cap.12. Da fugida, & temor. fol.23.

Cap.13. Dos affeitos da ira, & tristeza. fol.24.

Cap.14. Do exercicio das paixões d'alma. fol.24.

TRATADO IIII.

Das virtudes Theologaes Fè, Esperança, & Charidade.

Cap.1. Da virtude da Fè. fol.26.

Cap.2. Da virtude da Esperança. fol.28.

Cap.3. Da virtude da Charidade. fol.29.

Cap.4. Da Charidade do proximo. fol.31.

Cap.5. Dos vicios contrarios á Charidade. fol.32.

Cap.6. Exemplos das virtudes Theologaes. fol.24.

TRATADO V.

Da Virtude da Prudencia.

Cap.

Indice dos Capitulos.

- Cap. 1. Da definição da Prudencia. fol. 35.
Cap. 2. Do officio da Prudencia. fol. 35.
Cap. 3. Das partes integraes da Prudencia. fol. 36.
Cap. 4. Das especies da Prudencia. fol. 37.
Cap. 5. Dos vícios contrarios á Prudencia. fol. 37.
Cap. 6. Exemplos da Prudencia. fol. 38.

T R A T A D O. VI.

Da virtude da justiça.

- Cap. 1. Da definição da justiça. fol. 40.
Cap. 2. Das especies da justiça. fol. 40.
Cap. 3. Da virtude da Religião. fol. 41.
Cap. 4. Da piedade. fol. 42.
Cap. 5. Da obsequancia, & obediencia. fol. 42.
Cap. 6. Da virtude da gratidão. fol. 44.
Cap. 7. Da veracidade, ou simplicidade. fol. 44.
Cap. 8. Da verdadeira amizade. fol. 45.
Cap. 9. Da liberalidade. fol. 46.
Cap. 10. Da penitencia. fol. 46.
Cap. 11. Exemplos da penitencia. fol. 48.

T R A T A D O VII.

Da virtude da fortaleza.

- Cap. 1. Da natureza da fortaleza. fol. 49.
Cap. 2. Do obiecto da fortaleza fol. 50.
Cap. 3. Do martyrio. fol. 50.
Cap. 4. Dos vícios contrarios á fortaleza. fol. 51.
Cap. 5. Da virtude da magnanimidade. fol. 51.
Cap. 6. Da virtude da magnificencia. fol. 52.
Cap. 7. Da virtude da paciencia. fol. 53.
Cap. 8. Dos remedios pera paciencia. fol. 53.
Cap. 9. Exemplos da paciencia. fol. 54.
Cap. 10. Da longanimidade, confiança, & perseverança. fol.

Indice dos Capitulos.

TRATADO VIII.

Da Virtude da Temperança.

- Cap. 1. Da natureza da Temperança. fol. 56.
Cap. 2. Das partes da Temperança. fol. 56.
Cap. 3. Da Abstinencia, & sobriedade. fol. 57.
Cap. 4. Exemplos da Abstinencia, & sobriedade. fol. 57.
Cap. 5. Da Castidade, & virgindade. fol. 58.
Cap. 6. Remedios pera alcançar pureza, & vencer torpeza. fol. 59.
Cap. 7. Prosegue-se a mesma materia dos remedios da torpeza. fol. 62.
Cap. 8. Das partes potencias da Temperança, & principalmente da continencia. fol. 63.
Cap. 9. Da mansidão, & clemencia. fol. 64.
Cap. 10. Da modestia, & moderação, eutrapelia, & ornato. fol. 64.
Cap. 11. Da estudiosidade. fol. 65.
Cap. 12. Da Humildade. fol. 66.
Cap. 13. Das causas, & effeitos da humildade. fol. 68.
Cap. 14. Da comparação da Humildade, & outras virtudes, & do vicio contrario. fol. 69.
Cap. 15. Exemplos da Humildade. fol. 70.

TRATADO IX.

Das Doês do Spirito Santo, & graças gratis datas.

- Cap. 1. Do fundameno dos Doês do Spirito Santo. fol. 71.
Cap. 2. Do dom do Entendimento. fol. 71.
Cap. 3. Do dom da Sciencia. fol. 72.
Cap. 4. Do dom da Sapiencia. fol. 72.
Cap. 5. Do dom do Conselho. fol. 73.
Cap. 6. Do dom da Fortaleza. fol. 74.
Cap. 7. Do dom da Piedade. fol. 74.
Cap. 8. Do dom do Temor. fol. 75.
Cap. 9. Das graças gratis datas. fol. 76.

TRATA-

Indice dos Capitulos.

T R A T A D O X.

Do que se acha no liuro dos Exercicios, acerca das virtudes, & vicios de que ate aqui tratamos.

- Cap. 1. Do que pertence à Fè. fol. 77.
Cap. 2. Solução de algúas duuidas em materias de fè, que se achão nos Exercicios. fol. 78.
Cap. 3. Prosegue-se a mesma materia da fè dos Exercicios. f. 79.
Cap. 4. Do que se acha nos Exercicios de santo Inacio da virtude Da esperança. fol. 80.
Capit. 5. Da virtude da Charidade do liuro dos Exercicios. fol. 80.
Capit. 6. Da charidade do proximo; do liuro dos Exercicios. fol. 83.
Capit. 7. Da virtude da prudencia, que resplandece nos Exercicios, primeiramente pera com Deos. fol. 83.
Capit. 8. Resoluem-se algúas duuidas sobre a doutrina precedente. fol. 84.
Cap. 9. Da prudencia dos Exercicios de cada hum pera consigo principalmente em materia de escrupulos. fol. 87.
Cap. 10. Da prudencia dos Exercicios, pera com os outros em materias spirituaes. fol. 88.
Capit. 11. Da prudencia dos Exercicios, pera com outros em materias corporaes. fol. 90.
Capit. 12. Da virtude da justiça, que se acha nos Exercicios. fol. 91.
Cap. 13. Da fortaleza, & temperança do liuro dos Exercicios. fol. 94.

T R A T A D O XI.

*Des tres estados, que se achão nas virtudes, de que ate aqui se tra-
ta, & na perfeição.*

- Capit. 1. Do estado dos Incipientes, Proficientes, & Perfeitos. fol. 96.

Cap.

Indice dos Capitulos.

- Cap. 2. Da oração necessaria aos tres estados. fol. 97.
Capit. 3. Autorizase esta doutrina com lugares da Escriitura.
fol. 98.
Capit. 4. Declara-se o titulo do liuro dos Exercicios de nosso
santo Padre Inacio. fol. 99.

T R A T A D O XII.

Da virtude da Religião.

- Cap. 1. Da significação do nome da Religião. fol. 101.
Cap. 2. Do objecto da Religião. fol. 101.
Capit. 3. Da obrigação que temos de dar culto a Deos pela
virtude da Religião. fol. 102.
Cap. 4. Dos actos interiores da Religião. fol. 103.
Cap. 5. Dos actos exteriores da Religião. fol. 103.
Capit. 6. Do habito da virtude da Religião. fol. 104.
Cap. 7. Das naturezas capazes da virtude da Religião. fol. 105.
Capit. 8. Da distincção que ha entre Religião, & outras virtu-
des. fol. 106.
Capit. 9. Da nobreza que tem a virtude da Religião entre as
mais virtudes. fol. 108.
Capit. 10. Da diuisão da virtude da Religião em seus actos, ou
especies. fol. 109.

T R A T A D O XIII.

Da definição, & diuisão da oração em geral.

- Capit. 1. Da primeira significação da oração. fol. 110.
Capit. 2. Da segunda significação da oração mental. fol. 112.
Capit. 3. Da terceira significação da oração mental. fol. 112.
Capit. 4. Como a oração mental he acto da Religião. fol. 113.
Capitulo 5. Declara-se mais a natureza da oração mental.
fol. 114.
Cap. 6. De dous generos de tempos da oração mental. fol. 115.
Capit. 7. Do imperio da oração. fol. 116.

Indice dos Capitulos.

TRATADO XIII.

Da Meditação.

- Cap. 1. Da definição da meditação. fol. 117.
Cap. 2. Da vehemencia, & efficacia da meditação. fol. 118.
Cap. 3. Da applicação necessaria na meditação. fol. 118.
Cap. 4. Do discurso da meditação. fol. 119.
Cap. 5. Da verdade do objecto da meditação. fol. 120.
Cap. 6. Do fructo da meditação. fol. 121.
Cap. 7. Do objecto da meditação. fol. 123.
Capit. 8. Da meditação purgatiua, illuminatiua, & vniuiua. fol. 124.
Cap. 9. Da forma da meditação. fol. 125.
Cap. 10. Do thesouro das authoridades. fol. 126.
Cap. 11. Do segundo thesouro de vocabulos. fol. 129.
Cap. 12. Do terceiro thesouro de bẽs, & males inherentes do objecto. fol. 134.
Capit. 13. Do quarto thesouro de circumstancias do objecto. fol. 136.
Cap. 14. Do quinto thesouro de semelhanças. fol. 140.
Cap. 15. Do sexto thesouro de exemplos. fol. 147.
Cap. 16. Do setimo thesouro de contrapostos. fol. 149.
Cap. 17. Do thesouro da Comparação. fol. 151.
Cap. 18. Do nono thesouro de causas. fol. 152.
Cap. 19. Do decimo thesouro de effectos. fol. 153.
Cap. 20. Do vndecimo thesouro de repartição. fol. 154.
Cap. 21. Do duodecimo, & vltimo thesouro, que he fim. fol. 155.
Cap. 22. Mostramse os doze tesouros juntos em meditações particulares. fol. 156.
Cap. 23. Modo geral com que a meditação por todos os doze tesouros, se pode exercitar com mór força, & fructo. fol. 168.

TRATADO XV.

Em que se mostrão os doze tesouros, & Arte de orar do Livro
dos Exercícios.

TRA.

Indice dos Capitulos.

T R A T A D O. XVI.

Dos tres modos de orar.

T R A T A D O XVII.

Dos aparelhos pera a oração, & meditação.

- Cap. 1. Do aparelho remoto. fol. 241.
Cap. 2. Do primeiro aparelho remoto, que he boa consciencia.
fol. 241.
Cap. 3. Do segundo aparelho remoto, que he mortificação.
fol. 244.
Capit. 4. Da mortificação do entendimento, ou imaginação.
fol. 245.
Cap. 5. Da mortificação da vontade. fol. 249.
Cap. 6. Da mortificação de sentidos, & potencias exteriores.
fol. 252.
Cap. 7. Do terceiro aparelho remoto da oração, que he pre-
sença de Deos. fol. 254.
Cap. 8. Da praxe do exercicio da presença de Deos. fol. 257.
Cap. 9. Do ultimo aparelho remoto pera a oração, que são
praticas de Deos. fol. 360.
Cap. 10. De aparelho proximo, tirado dos exercicios, & regras
da Companhia. fol. 311.
Cap. 11. Do aparelho immediato, tirado dos Exercicios. fol. 312

T R A T A D O XVIII.

Da virtude da Petição.

- Cap. 1. Da definição da petição. fol. 315.
Cap. 2. Da petição feita a Deos. fol. 316.
Cap. 3. Da petição a santos. fol. 316.
Cap. 4. Da petição feita a Christo em quanto homem. fol. 317.
Cap. 5. Da petição feita a santos viuos. fol. 317.
Cap. 6. Da petição a almas do Purgatorio. fol. 318.
Cap. 7. Conclusão das pessoas a quem se pede. fol. 318.

Cap.

Indice dos Capitulos.

- Cap. 8. Das pessoas que podem orar, fol. 318.
Cap. 9. Das pessoas por quem se ha de orar, fol. 320.
Cap. 10. Do que se ha de pedir na oração, & primeiro dos bẽs sobrenaturaes, fol. 321.
Cap. 11. Dos bẽs naturaes, ou temporaes, que se hão de pedir na oração, fol. 323.
Cap. 12. Dos males temporaes, que se podẽ pedir no oração, fol. 324.
Cap. 13. Dos affectos da petição, & primeiro do merecimento, fol. 326.
Cap. 14. Da satisfação da petição, & oração, fol. 326.
Cap. 15. Da impetração da oração, fol. 328.
Cap. 16. Da necessidade, que ha da oração pera o fim da salvação, fol. 333.
Cap. 17. Mostre a virtude da petição do Liuro dos Exercícios, fol. 335.

T R A T A D O XIX.

Da virtude da Obsecração.

- Cap. 1. Da natureza da obsecração, fol. 340.
Cap. 2. Da obsecração intrinseca, pera com Deos, fol. 340.
Cap. 3. Da obsecração extrinseca pera com Deos, fol. 341.
Cap. 4. Da obsecração extrinseca pera com Deos em particular, fol. 341.
Cap. 5. Da obsecração por merecimento proprio, fol. 342.
Cap. 6. Da obsecração pera com santos, fol. 342.

T R A T A D O XX.

Da virtude da Insinuação.

- Cap. 1. Da definição da insinuação, fol. 345.
Cap. 2. Da repartição da insinuação, & primeiro da insinuação de culpa, fol. 345.
Cap. 3. Da insinuação de pena, fol. 346.
Cap. 4. Da insinuação dos proximos, fol. 347.
Cap. 5. Da insinuação diuina, fol. 349.

Indice dos Capitulos.

T R A T A D O XXI.

Da Acção de graças.

- Capitulo 1. Da significação, & nobreza da acção de graças. fol. 352.
Capitulo 2. Dos actos que concorrem nas acções de graças. fol. 352.
Cap. 3. Da acção de graças, por terceira pessoa. fol. 353.
Cap. 4. Da divisão, & partes da acção de graças. fol. 354.

T R A T A D O XXII.

Da Adoração.

- Cap. 1. Da necessidade, da virtude da adoração. fol. 363.
Cap. 2. Da definição da adoração. fol. 364.
Cap. 3. Dos actos da adoração. fol. 364.
Cap. 4. Da execução da adoração interior. fol. 364.
Cap. 5. Da execução da adoração exterior. fol. 366.
Cap. 6. Da adoração do corpo, & membros. fol. 366.
Cap. 7. Da adoração com trajus exteriores. fol. 367.
Cap. 8. Da adoração de insignias Ecclesiasticas. fol. 368.
Cap. 9. Da adoração com insignias seculares. fol. 369.
Cap. 10. Do exercicio da adoração exterior, representado na oração. fol. 369.
Cap. 11. De varias outras especies da virtude da adoração, & primeiro da Patria a Deos. fol. 370.
Cap. 12. Da adoração de Christo. fol. 371.
Cap. 13. Da adoração das imagens. fol. 372.
Cap. 14. Da adoração das reliquias. fol. 374.
Cap. 15. Da adoração da Cruz. fol. 375.
Capitulo 16. Da adoração da Virgem Maria nossa Senhora. fol. 376.

T R A T A D O XXIII.

Da virtude do Louvor.

Cap.

Indice dos Capitulos.

- Capitulo 1. De definição do louvor, & celebridade da virtude do louvor. fol. 381.
Cap. 2. Dos interesses do louvor. fol. 382.
Cap. 3. Dos actos do louvor. fol. 382.
Cap. 4. Das pessoas que são capazes de louvor, & materias de que se hão de louvar. fol. 384.
Cap. 5. Do modo como se exercita o louvor. fol. 385.

T R A T A D O XXIII.

Do acto do Canto, oitaua especie da virtude da Religião.

- Cap. 1. Da antiguidade, & celebridade da virtude do canto. fol. 391.
Cap. 2. Da estima em que Deos tem o canto. fol. 391.
Capitulo 3. Dos effeitos, & afeitos que o canto causa na alma. fol. 399.
Cap. 4. Do proueito do canto, em a branger a muitos. fol. 392.
Cap. 5. Do canto de Orgãos, & instrumentos. fol. 393.
Cap. 6. Do primeiro modo de canto, & actos que nelle concorrem. fol. 393.
Cap. 7. Do segundo modo de canto. fol. 394.
Cap. 8. Do terceiro modo de canto. fol. 394.
Cap. 9. Do quarto modo de canto. fol. 395.
Cap. 10. Do quinto modo de canto. fol. 396.
Cap. 11. Do sexto modo de canto. fol. 398.
Cap. 12. Do setimo modo de canto. fol. 400.

T R A T A D O XXV.

Do sacrificio, & oblação, nona especie ou acto da virtude da Religião.

- Cap. 1. Da significação, antiguidade, & dignidade da oblação, & sacrificio. fol. 403.
Cap. 2. Da oblação em particular. fol. 404.
Cap. 3. Da definição, & natureza da virtude do sacrificio. fol. 406.
Cap. 4. Do sacrificio Eucharistico em geral. fol. 407.

Indice dos Capitulos.

- Capitulo 3. Pronase a verdade do sacrificio da Eucharistia em particular. fol. 409.
- Cap. 6. Em que cõsiste a essencia do sacrificio da Missa. fol. 410.
- Cap. 7. Comparase o nosso sacrificio com o incruento de Christo, & com o cruento da Cruz. fol. 413.
- Cap. 8. Da instituição, & vocabulo da Missa. fol. 414.
- Capitulo 9. Das partes cerimoniaes da Missa em particular. fol. 414.
- Capitulo 10. Da perfeição, & effeitos do sacrificio da Missa. fol. 421.
- Cap. 11. Como alem do sacrificio publico ha sacrificio particular. fol. 426.
- Cap. 12. Das partes do sacrificio particular. fol. 427.
- Cap. 13. Como he verdadeiro sacrificio o particular que fazemos de nós mesmos em Religião. fol. 429.
- Cap. 14. Como he verdadeiro sacrificio o que fazemos de nossas obras. fol. 431.
- Cap. 15. Do exercicio do sacrificio particular. fol. 432.
- Capit. 16. De outros sacrificios particulares, que pode auer. fol. 433.
- Capit. 17. Do exercicio da oblação, & sacrificio no tempo da oração em geral. fol. 434.
- Cap. 18. Do exercicio do sacrificio, & oblação no tempo da oração em particular. fol. 435.
- Cap. 19. Do sacrificio, ou oblação interior na oração interior da propria alma, & corpo. fol. 435.
- Cap. 20. Da oblação de actos, & habitos na oração. fol. 436.
- Cap. 21. Da oblação de honras. fol. 437.
- Capit. 22. Da oblação de seruos, & familia. fol. 438.
- Cap. 23. Da oblação de criaturas artificiaes. fol. 439.
- Cap. 24. Da oblação de animaes. fol. 440.
- Cap. 25. Da oblação de plantas. fol. 441.
- Cap. 26. Da oblação de mixtos. fol. 443.
- Cap. 27. Da oblação de elementos. fol. 444.
- Cap. 28. Da oblação de Ceos, & Planetas. fol. 448.
- Capitulo 29. Da oblação, ou sacrificio dos merecimentos de Christo. fol. 449.
- Cap.

Indice dos Capitulos.

Cap.30. Da oblação dos mercimentos da Virgem nossa Senhora, & Santos. 449.

Cap.31. Do ultimo sacrificio da Eucharistia. 451.

TRATADO XXVI.

Da decima especie da virtude da Religião, que he voto.

Cap.1. Da natureza, & bondade moral do voto. 470.

Cap.2. Dos Actos do entendimento, & vontade que concorrem no voto. 471.

Cap.3. Como o voto he especie, ou acto verdadeiro da Religião. 473.

Cap.4. Do voto que se faz aos santos. 475.

Cap.5. Do augmento de bondade, & merecimento que concorre no voto. 476.

Cap.6. Da materia do voto. 478.

Cap.7. De varias diuisoões do voto. 480.

Cap.8. Das pessoas que podem fazer voto. 481.

Cap.9. Que cousa seja estado, quantas suas especies. 483.

Cap.10. Das varias especies do estado da Igreja. 484.

Cap.11. Da perfeição Christã a que se ordena o estado da perfeição. 485.

Cap.12. Do grao da Charidade que pede o estado da perfeição. 487.

Cap.13. Da Charidade Incipiente, Proficiente, & Perfeita. 492.

Cap.14. Da distincção que ha entre perfeição, & estado de perfeição, & de suas propriedades. 494.

Cap.15. Da distincção que ha entre Preceitos, & Conselhos, & em qual destas cousas principalmente consiste o estado da Perfeição. 495.

Cap.16. Da obrigação que pede o estado da Perfeição. 497.

Cap.17. Do Estado Incipiente, Proficiente, Perfeito. 498.

Cap.18. Da distincção que ha entre estado de adquirir perfeição, & exercitar perfeição. 499.

Cap.

Indice dos Capitulos.

- Cap. 19. Do estado religioso em quanto comprehende os tres estados de Pobreza, Castidade, & Obediencia. 500.
Cap. 20. Da obrigação dos votos que pede o estado de Religiam. 502.
Cap. 21. Da entrega que por votos se faz ao Superior, ou Comunidade por amor de Deos. 503.
Cap. 22. Da solenidade que pedem os votos de que se compõe o estado religioso. 505.
Cap. 23. Da solenidade do voto da Castidade. 506.
Cap. 24. Da solenidade do voto da Pobreza. 508.
Cap. 25. Da solenidade do voto da Obediencia. 510.
Cap. 26. Da solenidade que pode auer em outros votos. 511.
Cap. 27. Da solenidade dos tres votos que pede a substancia do estado religioso. 512.
Cap. 28. Da Harmonia do corpo da Religião, & de sua approvação. 514.

T R A T A D O XXVII.

Das especies 11. 12. 13. 14. da virtude da Religião. que são Iuramento, Adinração, Culto de Sacramentos, & Sacramentaes.

- Cap. 1. Do Iuramento. 524.
Cap. 2. Da Adiuração. 525.
Cap. 3. Do culto dos Sacramentos. 530.
Cap. 4. Do culto de Sacramentaes. 540.

T R A T A D O XXVIII.

Da Virtude da Religião, que he deuação.

- Cap. 1. Que cousa seja deuação. 545.
Cap. 2. Como deuação he sempre especie, ou acto de Religião. 548.
Cap. 3. Da distincam entre deuação, & mais actos da Religião. 550.
Cap. 4. Das causas, & effeitos da deuaçam. 551.

Indice dos Capitulos

TRATADO VLTIMO

Da Contemplação,

- Cap. 1. Da definição da Contemplação. 558.
Cap. 2. Da primeira parte da definição da contemplação, que he alma. 558.
Cap. 3. Da segunda parte da definição da Contemplação, que he cogitação simples. 559.
Cap. 4. Da terceira parte da definição da contemplação, que he Deos. 561.
Cap. 5. Da mesma parte da definição da Contemplação, que he Deos. 502.
Cap. 6. Da quarta parte da definição da Contemplação, que he alma suavemente levantada a Deos. 563.
Cap. 7. Da primeira virtude do Entendimento que entra na Contemplação, que he a Fè. 564.
Cap. 8. Da segunda virtude intellectual que concorre na contemplação, que he dom do Entendimento. 565.
Cap. 9. Da terceira virtude intellectual, que concorre na contemplação, que he dom da Sciencia. 567.
Cap. 10. Da quarta virtude intellectual, que concorre na contemplação, que he Sapiencia. 569.
Cap. 11. Da terceira parte da definição da Contemplação, que he cogitação permanente. 570.
Cap. 12. Da quarta parte da definição da Contemplação, que he alma levantada a Deos com suavidade. 572.
Cap. 13. Dos efeitos da vontade em geral, que concorrem na Contemplação. 573.
Cap. 14. Da primeira, & principal virtude da vontade, que concorre na Contemplação, que he Charidade. 574.
Cap. 15. Da segunda, & principal virtude da vontade, que concorre na Contemplação que he esperança. 575.
Cap. 16. Da terceira virtude, & principal da vontade, que concorre na Contemplação, que he deuiação. 576.
Cap. 17. Do primeiro, & principal affeito da vontade, que concorre na Contemplação, que he gozo. 579.
Cap. 18. Do segundo, & principal affeito da vontade, que concorre na Contemplação, que he Adoração. 580.

Cap.

Indice dos Capitulos.

- Cap. 19. Do primeiro effeito da Contemplação que he extase.
581.
Cap. 20. Da extase do Entendimento. 582.
Cap. 21. Da extase da Vontade. 583.
Cap. 22. Da extase dos sentidos exteriores. 584.
Cap. 23. Do segundo effeito da Contemplação que he união;
por modo de Dialogo entre pay, & filho. 585.
Cap. 24. Do terceiro effeito da Contemplação, que he feruor.
fol. 586.
Cap. 25. Do quarto effeito da Contemplação, que he languor.
586.
Cap. 26. Do quinto effeito da Contemplação, que he liquefa-
çam. 587.
Cap. 27. Do sexto effeito da Contemplação, que he raptio. 588.
Cap. 28. Da Contemplação menos perfeita, ou illuminatiua.
589.
Cap. 29. Das Visões, & reuelações em geral. 593.
Cap. 30. Das aparições corporaes. 594.
Cap. 31. Das aparições imaginarias. 595.
Cap. 32. Das aparições, ou reuelações intellectuaes. 597.
Cap. 33. De varias semelhanças da Contemplação, & primeiro
de Aguia. 598.
Cap. 34. Da segunda semelhança da Contemplação, que he
Palma. 599.
Cap. 35. Da terceira semelhança da Contemplação, que he ma-
ná. 600.
Cap. 36. Da quarta semelhança da Contemplação, que he sono.
602.
Cap. vltimo. Da vltima semelhança da contemplação, que he
morte. 603.

F I N I S.

IESVS

TRATADO PRIMEIRO

Da Oração em geral.

A VENDO de tratar da natureza, propriedades, e partes da oração, que segundo S. Agostinho, he practica familiar com Deos, como adiante se verá, me pareceo necessario dizer primeiro da nobreza, & riquezas desta virtude em geral: porque affeição da alma com a primeira vista, receba co mais frato seus preceitos, & se anime com mór efficacia a tão santo exercicio. Como rio, lá do

CAPITULO I.

Da nobreza da Oração.

A primeira nobreza da Oração nasce de seu supremo author, que he Deos, o qual como imprimindo na alma luz natural, he causa das sciencias naturaes; assi imprimindo, & inspirando luz divina, he autor desta sciencia sobrenatural, & divina. Por onde Chetico nosso Senhor igualmente da este officio a cada hũa das pessoas divinas; ao Padre, & a si mesmo, dizendo por S. João. *Mea doctrina non est mea, sed eius, qui misit me* Pa-
 tris. Juntamente diz, que a doutrina que ensina da Oração, he sua, & não sua. He sua, porque elle he sabedoria gerada de quem he tudo, por geração, & sustancia eterna, que o Padre de si tem. Não he sua, porque como elle tem do Padre vida, & toda a perfeição essencial da divindade, assi tem a sabedoria, & doutrina, não como de mestre que ensina, mas como de Pay, que por geração eterna a comunica. El do Spiritus diz o mesmo. *Senhor, Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia, & super generat vobis scientiam, quaecunque dixerit vo-*



Tratado primeiro

bi. Que outro mestre podia ensinar doutrina de espirito, senão o diuino Spirito, de quem hõssas potencias, & instrumentos naturaes tomão a principal força pera obrar na oração cõ actos sobrenaturaes; de modo que sempre Deos fica o principal autor de tam santa obra.

cap. 8.

lect. 30

Afsi o diz S. Paulo ad Roman. *Quicumque spiritu Dei aguntur, hi sunt filij Dei.* Os que sam leuados como pbr força do spirito de Deos, sam filhos de Deos; onde nota Santo Thomas, que o termo do santo mostra, que homẽs spirituaes nã vão tanto a oração leuados da vontade natural, & liure, quanto da força, & instinto do diuino spirito, como causa principal. São nossas almas metidas em corpos mortais terra seca, esteril, infructuosa, sã correntes da fonte celestial as podem tornar fertis, & fructuosas, como de si diz a diuina Sabedoria. *Ego sicut aquae ductus exiui de paradiso, dixi. Rigabo hortum meum plantationum, & inebriabo prati mei fructum.* Como rio, sahi do Paraíso celestial a regar o terreal da alma deuota, fazendo crescer nella as plantas, & flores da Oração, & mais virtudes.

Eccles. 24.

2. p. q. 1. ar. 1.

3. Cor. 23.

Segunda nobreza da Oração nasce do obiecto em que se occupa, que he o mesmo Deos, ou seja tratando com elle, ou delle; & se considera, & trata de outras cousas, & outras pessoas, como sam os santos do paraíso, tudo he por respeito delle. Hẽ nossa oração, como diz Santo Thomas, semelhança da oração dos bemauenturados; sendo pois Deos obiecto da sua, tambem he da nossa; senão que a elles he obiecto claro, & a nos escuro; a elles esta presente, & a nos escondido; a elles he rayo directo, a nos reflexo; a elles realidade, & a nos enigma; como diz S. Paulo aos Corint. *Videmus nunc per speculum in enigmate, tunc autem facie ad faciem.* Donde tem rezão S. Boaventura de chamar a oração, meya bemauenturança; & aos contemplatiuos, meyos bemauenturados. Afsi admirado exclama S. Ião Chrysostom. *Quis non obstupescat, & admiretur, tantam benignitatem, & benignitatem, quam in nos homines declarat Deus, qui dignos nos habuerit, qui cum ipso colloquamur, nostraque vota depromamus apud ipsum; nam verè cum Deo confabulamur, quoties vacamus deprecationi.* Como se disse, Quem não palmarã Senhor da benignidade com que nos tratais, pois vós pondeis a pratica cõ vosco, estais atento a nossas petições, tudo cõ tam familiar

conuer-

conuerfação, como he de amigo pera amigo. Pois afsi vos prezais de mim, jufto he que eu me preze de vos; pois eftimais tratar comigo, fobre tudo eftimarei tratar com vofco; pois me vejo valido voffo, como talme tratarei, tomando brio de priuado de tam grande Rey, viuirei fobranceiro a todo o criado; sò vos fereis obiecto de meus penfamentos, aluo, & fim de meus defejos.

CAPITULO II.

Das Riquezas da Oração.

Vebemens calid desiderium (diz S. Gregorio) thesaurus est virtutum omnium. Qui celestis vite dulcedinem, perfectè cognovit, que in terris amauerat, libenter cuncta derelinquit; in comparatione eius vilefcunt omnia; deforme conspicitur quicquid de terrene rei placebat specie. Oração, defejos do Ceo, affeitos santos, fãm thefouro efcondido, o qual quem acha tem rezão de fahir com alegria, como diz o Senhor no Euangelho, vender quanto tem, & auer thefouro tam rico, em comparação do qual, tudo o mais he pobreza; como diz o Sabio. Diuitias nihil effe duxi in comparatione illius, nec comparaui illi lapidem pretiofum. Abaixo ficão riquezas, ouro, prata, & pedraria. Vnum autem est pretiofiffimum margaritum, diz S. Hieronymo, fobre a parábola da perola, Scientia Saluatoris, & sacramentum paffionis illius, & refurreccionis arcanum. Conhecimento de Chrifto, confideração de fua payxão, refurreição, & mais myfterios, he a mais rica, & preciofa pedra do mundo. Qui margaritam habet, diz S. Chryfoft. nouit fe diuitem effe, cum paruo in loculo margarita recondatur. Como o que tendo no cofre o diamante em pequeno lugar, tem herdades, criados, caſarias, ouro, prata, riquezas; afsi o que no cofre do coração tem a virtude da oração, poſſue o preço, & riqueza de todas as virtudes, & graça diuina. Ideo, diz o Propheta Rey, dilexi mandata tua super aurum, & topazion. Letabor ego super eloquia tua, sicut qui inuenit spolia multa. Por fer afsi, eftimo mais a confideração de voffos preceitos, que perolas, & ouro: tam alegre, & fatisfeito me acho com as riquezas da oração, como o que deu com mina, & vea de ouro, &

Hómil. 118
in Euang.

Matth. 13
Sapient. 48

D. Hieroni

Hómil. 46
in Matth.

Psalm. 118

Psalm. 18

Tratado primeiro

enche as mãos de ricos despojos. Pois assi he Senhor, de tudo o mais soffrerei ser pobre; só de oração me fazei rico, pera que diga com S. Paulo. *Omnia arbitror et stercora, et Christum lucrifaciam.*

Ad Philipp.

2.

CAPITULO III.

Da medicina da Oração pera a alma, & corpo.

HE a Oração officina de todas as medicinas; semelhante ao maná, que sendo em si manjar laborosissimo, era summamente salutar, como diz Tertulliano. *Populus in creta manna cibatur quadraginta annis ad instar eternitatis redactus, nec humanis passionibus contaminatus.* O mesmo podemos dizer da oração, da qual os que no deserto desta vida se sustentão, viuem isentos de enfermidades, & paixões da carne, como se forão immortaes, & impassiveis. *Nulla est,* diz S. Chrysostomo, *in humana natura, vel corporis, vel animae passio, quae medicinam hanc decipere queat.* Não ha doença corporal, ou spiritual para a qual na officina da oração senão ache remedio. Quanto as corporaes, e claramente o testemunha a diuina Sabedoria, que depois de contar as pragas, feridas, & mortes dos Egypcios, remata. *Filii autem tuos nec draconum, nec venenatorum vicerunt dentibus. In memoria enim firmamentorum exterminabantur, & vultu lociter saeuabantur.* Entre tanto ficauão saluos vossos filhos das mordiduras das serpentes, & dragões, & se algum mal recebião, bastava lembraremse de vós, pera sararem.

Assi he, que viuendo em perpetuos queixumes de achaques, & enfermidades corporaes os que viuem esquecidos de Deos, como Egipcios, entre tanto os deuotos que per effeito da oração merecem titulo de filhos de Deos, viuem alegres, & contentes, logrando saude corporal juntamente com a spiritual. A este unico remedio remete o Apostolo Santiago os que padecem qualquer afflicção corporal. *Tristatur aliquis vestrum, oret.* E he o que diz S. Chrysost. *Qui pro laboribus quasi neruis, & robore se spoliatum viderit, ne omnino eneruis fiat, dum tristatur ad orationem nequit, unde vires, & robur colligat.* Aquelle a quem

a triste-

a tristeza tira as forças recorra à oração, & facilmente as cobrará.

Se esta he a força, & virtude da oração pera o corpo, que será pera a alma? *Lignum vite* (diz Salamão) *est ys, qui apprehenderint eam.* Os effeitos da saúde, & vida corporal, que causava o fructo da arvore da vida, causava oração na vida espirital, dos que sabem lançar mão della; como elegantemente ensina S. Basilio, dizendo, Se vos sentis combatido do yicio da sensualidade, meditaí na vitoria do casto Ioseph; se da puslanimidade no esforço, & constancia do Santo Iob; se da ira, nas occasiões de injurias, na paciencia de Dauid, mansidão de Moyses; & com esta medicina sarareis. Melhor dissera, o bom I E S V S, se nos remetera à medicina de vossa brandura, & sofrimento no meyo das afrontas, feridas, cranos, açoutes, cruz, & morte, antre malfeitores, que foi tam efficaç, que com sangue nella derramado, atè a enfermidade mortal dos que vos crucificarão, sarastes, de modo que contritos, *Percutientes pectora sua reuertebantur.* O diuino Pelicano que do alto da Cruz, com o sangue de vosso peito rasgado, dais vida a vossos filhos mortos; dai-me graça Senhor, pera que por meyo da oração, me ponha debaixo de vossas azas, & assi mereça participar ao menos húa gotta de tam saudauel, & efficaç medicina; & viuo continuamente cante, *Gloria meum, & caro mea exultauerunt in Deum uiuum.*

Proverb. 30

Epist. 7. ad
Chrysost.

Luc. 22

Psal. 83

CAPITULO III.

Da luz da oração.

A Diferença que vai do que caminha de noite às escuras, ao que caminha de dia; vai do que té oração ao que a não tem. *Lucerna pedibus meis verbum tuum, & lumen semitis meis,* diz Dauid. Meditação de vossa ley he guia, luz de meus caminhos. Este roteiro deu Deps a Iosue pera guiar seu pouo à terra de promissão. *Non recedet volumen legis huius ab ore tuo, sed meditaberis in eo diebus, ac noctibus, tunc diriges viam tuam.* Trazei sempre na boca as palauras de minha ley, de dia, & de noite meditaí nella; sem errar caminho, sem perigo, metereis meu pouo de posse da terra prometida. Assi he, que sò os que se governão

Psal. 118

Iosue. 1

Tratado primeiro

por luz, & regimento da oração, & nella sabem gastar largas horas, podem guiar subditos ao Ceo, sò estes acertão o caminho, & merecem nome de capitaes, & superiores do pouo de Deos. Os mais caminão às escuras; a elles quadra a sentença de Christo. *Cecus autem si ceco ducatum praestet, ambo in foueam cadunt.* Não sò cãhem em precipicios, mas leuão outros apos si; quanto metem de industria humana, & se afastão da diuina, tanto errão.

Matth. 18.

1. contra Pe-
lagium.

Omnium Sanctorum (diz S. Hieronymo) *vox una esse solet ad Deum in omnibus operibus deprecatio.* Assim o sentem todos os Santos, que regimento da oração, dá luz, & successo a todos os negocios. Por terras estranhas caminhaua o Patriarcha Iacob, mas guiado da oração sem errar chegou ao termo desejado. Assim diz Iosepho historiador. *Nihil tulit secum, prater baculum, quo Iordanem transiuit; viaticum verò ad iter tantum accepit orationem.* Bordão na mão, oração no coração passarão o Patriarcha da outra banda do Iordão; meterão em Mesopotamia, com tam grandes ventajens como forão ver a casa de Deos, a porta do paraíso, escada mysteriosa leuantada da terra ao Ceo, ganhar riquezas em abundancia, vitoria da luta com os proprios Anjos do Ceo.

3. de obsid.
cap. 16.

Psal. 42.

Emitte lucem tuam, & veritatem tuam, ipsa me deduxerunt, & adduxerunt in montem sanctum tuum, & in tabernacula tua. O luz diuina, lançaí sobre mim vossos rayos, elles me guiarão ao monte santo, & morada vossa. E pois me mandais, *Accedite ad Deum, & illuminamini, & facies vestrae non confundentur;* que pera lograr vossa luz he necessário apresentarme diante de vos, como sol verdadeiro na oração, aqui me tendes com as portas do coração abertas; alumiai Senhor esta alma, pera que vencidas as treuas da ignorancia acerte o caminho sem errar, & sem confusam de peccado appareça em companhia de vossos bema-uenturados diante de vosso diuino acatamento com vista clara pera toda eternidade, Amen.

Psal. 33.

C A P I T V L O V.

Da santidade da Oração.

Como he proprio do fogo aquecer, do sol alumiar; assim da oração santificar. Sem differença de idade, condição, & estado

estado, a todos a oração communica: santidade, não auendo da nossa parte impedimento. Assim o diz S. Agostinho. *Hac utitur etas omnis, & sexus; hac conditio omnis, & dignitas; hac in Ecclesia uniuersis gradibus necessaria est; hac Cathecumenis spiritum, fidelibus praesidium, poenitentibus solatium praestat. Hac iustos continet, subleuat peccatores. Per hanc etiam qui stant non cadunt, & qui elisi sunt, eriguntur.* A Cathecumenos dá espirito; a fieis, socorro; a penitentes, consolação; a justos perseverança; a peccadores, graça; a cahidos, leuanta; a leuantados sustenta; a toda a Igreja de Deos empara, & defende.

Sermon. de
Ieiun. & O-
ratione.

O mesmo confirma S. Ephrem Syro por estas palauras. *Oratio temperantiae est custodia; iracundiae frenum; animi elati repressio, & ad modestiam reuocatio; odij ob acceptas iniurias medicina, inuidiae destructio; impietatis correctio.* Oração destrue vicios, grangea virtude; poem freo a ira; abate a soberba; sara odios; destrue enuejas; emenda desobediencias; com modestia, & temperança compoem alma, & corpo.

De orande
Deum.

Com menos palauras comprehendeo tudo S. Ioão Chrysostomo. *Per orationem illud assequimur, ut mortales, & temporarii esse desinamus.* A oração de mortais nos faz immortais; de temporais diuinos. *Per orationem Angelis copulamur, & societatem, quam cum animalibus habemus, procul effugere videmur.* Da companhia de brutos animais entre os quais viuemos, nos sobe ao Ceo, & mete no choro das Hierarchias dos Anjos, & bemauenturados.

lib. 1. de orō
do Deum.

Nace esta excellencia à Oração da familiaridade que tem com Deos; porque se he verdade o que diz Dauid. *Cum sancto sanctus eris, & cum viro innocente, innocens eris;* que conuersação de santos faz santos; sendo Deos santo dos santos, que santidade communicará aos que o tratarem, & conuersarem? *Oratio* (diz Euthymio) *transformat, atque illustrat hominem, si fiat, quemadmodum oportet.* Oração dá noua formã & figura à alma que ora como conuiem. No Exodo diz a diuina escriptura, que sahio Moyses com o rosto resplandecente, *ex consortio sermonis Domini;* da conuersação, & familiaridade com Deos. Assim he o que trata na oração com Deos, della sae com outro rosto, outros olhos, outra lingua, outros pensamêtos, gestos, palauras, obras. He o que ora, Pintor que retrata. Poem diante Christo

Psal. 17.

Luc. 9.

Exod. 34.

Tratado primcyro

crucificado, delle está tirando lingua calada no meyo das injurias; peito abrazado em amor de inimigos; cabeça inclinada em obediencias difficultosas; morte bem allombrada nas mãos do Eterno Padre. Poem diante a Imagem da Virgem nossa Senhora, della está retratando olhos modestos; andar composto; vida recolhida; silencio da boca; temperança do gosto; coração amoroso. De modo que pode dizer. *Viuo ego, iam non ego, viuit verò in me Christus*. Viuendo morro, morrendo viuo, pois minha vida não he minha, mas de Christo.

Pode dizer com S. Paulo. *Nos omnes reuelata facie gloriam Domini speculantes in eandem imaginem transformamur à claritate in claritatem, tanquam à Domini spiritu*. Como espelho, que posto defronte do sol, parece o mesmo sol; assi posto diante de Deos, & como se fora Deos, me acho augmentado em santidade, crescendo de virtude em virtude com espirito do mesmo Deos.

Com rezão se compara a oração a fonte do parayso terreal, da qual diz a diuina escriptura. *Homo non erat, qui operaretur terram, sed fons ascendebat de terra irrigans vniuersam superficiem terræ*. Nam auendo ainda homens que cultiuassem a terra, fazia este officio a fonte do parayso, que sobindo do baxo regaua, & fertilizaua toda a face da terra. Assi he que não ha cabedal, nê forças no homem pera fertilizar com virtude, & graça sua alma, & à conta da diuina fonte da oração fica este officio; da qual diz S. Agostinho. *Oratio est ascensio anime de terrestribus ad caelestia*. He fonte que sobe da terra ao Ceo, & de lá fertiliza a face de nossa alma. Por esta causa disse Dauid. *Qui in lege Domini meditatur die ac nocte, erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo, & folium eius non defluet*. A ventajem, que leua a aruore de regadio, na grandeza do tronco, frescura de folhas, cor, & sabor do fruto, a aruore de sequeiro, leua a alma que se cria nas correntes caudalosas da oração, a alma que nunca soube que cousa era regadio de oração, mas sempre viueo na secura, & esterilidade de sua frieza spiritual.

Pois este he o prego, & quilates da oração com ella me apresento pecador, diante de vos Deos santo, santificaimé. Aqui me tendes o medico diuino combatido de todas as enfermias.

fermidades, farai-me. Sou deserto esteril, ò manã celestial, fertilizai-me. Direi com S. Agostinho, *Domine Deus meus da cor- di meo te desiderare, desiderando querere; querendo inuenire; inueniendo amare; amando mala mea redimere; redempta non iterare.* Daime Senhor graça pera vos buscar na oração, & nella vos amar, & emendar faltas, & pecados passados; dái contrição a meu coração, lagrimas a meus olhos; em lugar do amor mundano enchei esta alma do amor diuino; lançai de mim o espirito de soberba, concedei-me o thesouro de vossa humildade; apartesse de meu peito o furor da ira; defendame o escudo da paciencia, & mais virtudes, por meyo da oração, que nunca deixarei, pois he fonte donde todas manão; officina em que se laurão; jardim onde se crião; parayso onde se lograão.

CAPITULO VI.

Da fortaleza, & armas da oração.

Militia est vita hominis super terram, disse Iob. Andamos em perpetua guerra. As armas sam oração. S. Ephrem Syro. *Pro arcu ad orationem manus extendit.* Mãos leuantadas em oração, he arco; entezado que embebe frecha, & faz tiro ao peito de Deos. O mesmo quis dizer o Spirito Santo por outra semelhança, fallando com a alma santa nos Cantares. *Sicut turris David collum tuum, que edificata est cum propugnaculis, milibz clypei pendent ex ea; omnis armatura fortium.* Por collo, ou garganta que he instrumento de fallar, & vne corpo com cabeça, entende oração com que fallamos, & nos unimos com Deos. Desta pois diz, que he o forte principal d'alma, torreado de baluartes das mais virtudes, das quais, as que feruem de sofrer, & padecer, chama tambem escudos; as que feruem de conquistar, armas de fortes. *In hac turri* (diz S. Gregorio) *armaturam nostre mentis inuenimus, vnde inde precepta, inde sumamus exempla, per que contra aduersarios nostros inexpugnabiliter armemur.* He a torre da oração. almazem de todas as armas; nella se achão exemplos, & preceitos de Christo, & seus

Tratado primeiro

santos com que armados ficamos inexpugnaueis de nossos inimigos.

Numér. 26.

Não tem força a oração só contra inimigos; o proprio Deos conquista, & vence. Já o fogo de sua diuina justiça se começaua a ateár no pouo idolatra; eis que sae o sacerdote Aram (como diz a Sabedoria) *proferens seruitutis suae scutum, orationem, & per incensum deprecationem allegans, resistit ira, & finem imposuit necessitati*; sae armado ao encontro a Deos; com que armas? com as de seu officio, que erão, sacrificio, & oração; & desta maneira teue mão em Deos, & pôs fim á guerra, que hia fazendo.

Sapient. 18.

O mesmo socedee ao esforçado capitão Moyses, do qual diz Dauid. *Et dixit ut disperderet eos, si non Moyses electus eius stetisset in confractiōe in conspectu eius, ut auerteret iram eius ne disperderet eos*. Finge a Deos como posto em campo contra a Cidade dos rebeldes idolatras; começa a jugar a artelharia; vem abaxo hum pano de muro; vendo Moyses o perigo acode, atraueßa-se na arrombada, tem o passo de Deos, defende os cercados, fica Deos vencido. Com que armas sahio Moyses com a vitoria? o Caldeo o explica. *Nisi Moyses electus eius surrexisset, & se se roborasset orādo in conspectu eius*. Sahio com forças, & armas de oração. E a Glossa interlineal diz. *Nisi Moyses incessanter orasset pro eis*. Como se dissesse. Em quanto jugaua a artelharia da ira de Deos, jugaua sem cessar a artelharia da oração de Moyses. Porque, como diz S. Hieronymo, *Sicut murus hosti opponitur; ut aduersario occurri solet ex diuerso, contraque venienti, ita Dei sententia sanctorum precibus frangitur*. O mesmo he oração de santos pera com Deos, que muros, & exercitos armados contra capitão posto em campo. A experiencia desta verdade fez dizer a S. Thomas, como se escreue na historia de S. Domingos, que religioso sem oração era soldado sem armas; & como este na guerra corporal facilmente será vencido, assi o religioso na spiritual. Examine bem sua consciencia, lance bem suas contas achará, que toda a tentação de que sae vencido sempre o acha desfarmado.

Psal. 105.

Chald.

4. in Enchir.

Chronica
D. Domini-
ci.

Cercado me vejo, ô bom IESV de meus inimigos, por todas as partes combatê; a guerra he cruel & perigosa; armai este soldado fraco, de armas da oração; ella ponha na cabeça capacidade de fee, & consideração da eternidade; fortaleça o peito com arnês

arnês de charidade; pês com greuas de obediencia; braço es-
querdo defenda com escudo de paciencia, no direito meta a
espada da palavra diuina; assi armado, direi afouto com Da-
uid. *Si consistant aduersum me castra non timebit cor meum.* Ve-
nhão contra mim exercitos armados, armado de oração nada
temo, dou por desafiado ao proprio Inferno. Psal. 36

CAPITULO VII.

Da suauidade, & gosto da oração.

TResborda a Oração em suauidade, & doçura spiritual, com
ella anda sempre conuidando almas deuotas. Assi o diz
na Sabedoria. *Transite ad me omnes qui concupiscitis me, & à ge-* Ecclef. 24
nerationibus meis implemini; spiritus enim meus super mel dulcis,
& hereditas mea super mel, & fauum. Manda que cheguemos
com exercicio, & experiencia, sem aqual não se communica.
Por essa mesma causa vsa de semelhança de mel; porque segun-
do S. Basilio, *Sicut mellis natura vires suas non tam exerit, & in*
expertis representat sermone, quam ipso sensu gustus, sic nec verbi
caelestis suauitas humana doctrina verbis tradi euidenter potest. Orat. 6. de
Como a natureza, & sabor do mel não se acaba de entender inst. & adm.
com eloquencia de palauras, com leue toque da lingua logo se
sente, & conhece; assi a suauidade da oração, sò com experien-
cia, & vso se estima, & entende. *Lignum vite*, diz o Sabio nos
Prouerbios, *est his qui apprehenderint eam, & qui tenuerit eam,* cap. 3.
beatus. Não communicaua vida immortal o fruto da aruore da
vida, senão comido: não communica a oração seu sabor, & gos-
to senão vsada, & experimentada. Semelhante ao maná de que
diz Tertulliano, *Populus in eremo mannâ cibatus, quadraginta* Libr. aduer-
annis ad instar aternitatis redactus: Apascentado o pouo de sus Iudzos.
Deos no deserto com a doçura, & sabor do maná, chegou a fi-
car como immortal. Com mayor rezão o poderã dizer da ora-
ção, cuja suauidade a propria morte torna vida. *Magna est* (diz
S. Ioão Chrysost.) *buius thesauri abundantia, & larga fontis huius* Hom. 3. in
spiritualis vberitas. He a oração thesouro rico, em que nada fal- Gen.
ta; he fonte perenne que nunca seca. Como testemunha Dauid.
Inebria-

Tratado primeiro

Pſalm. 85. *Inebriabuntur ab libertate domus tua, & torrente voluptatis tua potabis eos, quoniam apud te est fons vite.* He rio caudaloso de delicias spirituaes; fonte de vida em que bebendo os contemplatiuos ficão como fora de si, à força de gostos da outra vida.

Ioan. 4. Direi Senhor com a Samaritana, *Domine da mihi hanc aquam, ut non sitiam, neque veniam huc haurire.* Daimo Senhor esta agoa celestial, pera que não tenha mais sede; não trate d' agoa de côsolacões do mundo, que sempre deixão sequioso o rico auarento, o qual ardendo em chamas infernaes, não tem com que refrigerar sua lingua. Vossa agoa de oração mata a sede, farta, consola. Vos o prometeis Senhor. *Qui biberit ex aqua, quam ego dabo ei, non sitiet in aeternum.* Assim o experimentaua o vosso Propheta Dauid quando dizia. *Quam magna multitudo dulcedinis tua Domine, quam abscondisti timentibus te.* Quem acabará Senhor de declarar a abundancia da doçura, & suauidade, que está escondida no secreto da oração, dos que com temor filial vos reuerenceão, & amão? *Odor unguentorum tuorum, super omnia aromata.* Abaixo ficão balsamos, mirrhas, & vnguentos preciosos da fragrancia que sae desta aruore diuina. Pois assim he. *Trabe me post te; curremus in odorem unguentorum tuorum;* apos vos

Pſalm. 36. Senhor me leuai prezo com cadeas de deuacão, & oração. Com vosco o gigante diuino irei correndo, com vosco fogindo sobre os montes do incenso, irei fogindo pera sempre vos lograr, & acompanhar. *Exurge gloria mea, exurge psalterium, & cithara; exurgam diluculo.* Leuantaiuos gloria minha, psalteiro meu, cithara minha, que eu tambem me leuantarei, & madrugarei pera tocar as vozes altas de vossa diuindade, & baixas de vossa humanidade. Com o dedo da oração tocarei as cordas de vosso coração aberto como espelho, & de vossos pès, & braços ente-

Cant. 4. zados, & encrauados na Cruz. Recreai pois o instrumento diuino esta alma, fazei doce harmonia a meus

Cant. 5. ouvidos. *Vox enim tua dulcis, & facies tua decora.*

Pſal. 56.

Pſal. 107.

Cant. 2.



CAPITULO VIII.

Exemplos da nobreza da Oração.

HUM religioso de Cister, que procurava as cousas temporaes do Mosteiro, era tão deuoto da virtude da oração, que todas as vezes que recebia alguma injuria, ou molestia do outrem, logo se recolhia a orar. Assim fez hũa vez, principalmente sendo despojado de ladroões, dos quaes hum tornando ao lugar onde ficara só, & achando de joelhos em oração com mãos, & olhos levantados ao Ceo, compungido deu recado aos mais do que vira, que voltando se lançarão a seus pés, restituindo tudo o que tomarão, continuando elle sempre em sua deuação, & dando graças ao Senhor, não tanto por recuperar o ganhado, quanto por ganhar os roubadores, que com seu exemplo se converterão. Na hora que este religioso estava pera espirar, outro da mesma religião, mas de diferente casa estando enfermo, subitamente ficou como morto, & assi esteve do tempo da manhã a tè a tarde. Entre tanto foy levado por hum Anjo a hum lugar de delicias, fresco de flores, & aruorados; rico de edefícios, alfayas, peças de ouro, prata; recreativo de musicas, & harmonia; frequentado de gente que respandecia como o Sol; dos quaes hũs estauão como esperando, outros vinhão entrando ao modo de quem concorre a algum celebre spectaculo, & entrada de Rey. Perguntando ao Anjo q' o guiava a causa de tão grande concurso, & festa, respondeo, q' era pera receber hum religioso da sua Ordem do Mosteiro de Cister, q' estava espirando; E querendo elle lograr mais tempo q' via, & não tornar ao corpo, o Anjo o não cõsentio, & mandou tornasse dar nouas do q' passaua; o q' feito, & cõbinado a hora, & tẽpo, se achou q' foy o mesmo em q' o deuoto religioso espirou.

Desejando a Raynha de Aragoa saber se era São Vicente Ferreira tão santo em secreto, como no publico, alto noite entrou no seu Mosteiro de Barcellona acompanhada da Corte, & chegando a porta da cella, & espiando o peão gritas, & aberturas, vè o santo de joelhos com mãos levantadas em oração, & cercado de raios tão resplandecentes, como se foy o mesmo Sol.

Lib. de viris
illustr. Ord.
Cister.

Sur. in vit.
ipsum.

Feito

Tratado primeiro

Feito mais diligente exame, & achando que não auia tochas, nem luz outra material na cella, pasmado da diuina, voltando pera sua Corte, disse, apartemonos de tão sagrado lugar, que mayor santo he Vicente no interior de sua alma, do que a fama, & obras exteriores apregoão.

Perguntando o Abbade Loth ao Abbade Ioseph, que faria pera alcançar perfeição, leuantandose em pè, estendeo as mãos, leuantou os olhos ao Ceo; & estando nesta postura em oração subitamente apparecerão acesos os dedos das mãos, como se forão dez tochas acesas, & resplandecentes. Acabada a oração disse a Loth. Ora, & todo te abrazarás em fogo, como viste abrazadas minhas mãos.

CAPITULO IX.

Exemplos da medicina da oração.

Recolheo Anastasio presbytero hum Lazaro corrupto de carnes meas comidas, & no secreto de hũa camara fechada o curaua, & sofria. Entrando S. Basilio, & perguntando pello thesouro, que tinha escondido, & abrindo com sua santa palavra a camara, que Anastasio não queria abrir, se recolheo sò com o Lazaro, & gastando toda a noite em oração, pella manhã o entregou sam, sem final de ferida, nem corrupção; & restituido à fala que atè aly estaua impedida; de que todos derão graças ao Senhor, dizendo. *Gloria tibi Deus, qui facis mirabilia timentibus te, & orationes eorum exaudis.*

Em tempo que Suniberto primeiro Bispo da Igreja Vuerdense se occupaua na conuersam dos Alemaes na Prouincia do Rheno, hum mancebo nobre, mas ainda gentio por nome Splêtem, com curiosidade iuuenil passou da outra banda do rio pera ver o templo que o santo começaua edificar à honra de Christo Senhor nosso, como era bolicofo de natureza, se soltou à passagem em tanras liuiandades, que em fim cahio no rio, & se afogou, sem poder ser socorrido dos criados que o acompanhauão. Foi chorada, & sentida esta morte, não somente de seu pay Sunthero, & mãy ainda gentios, mas de toda a cidade, por sua nobre-

nobreza, idade, & sendo leuado a hum templo de Marte, sem terem effeito sacrificios de seus Sacerdotes, por conselho de algũs Christãos se socorreo o pay ao B. santo Suniberto, prometendo de se conuerter com toda sua família, se desse vida a seu vnico filho. O santo à vista de infinita multidão de gentios, Christãos, & dos proprios Sacerdotes dos idolos, pôz-se de joelhos com lagrimas nos olhos, orou desta maneira. Senhor Iesu Christo refugio nosso, consolação dos tristes, que resuscitastes a Lazaro por lagrimas, & rogos de suas irmãs, & prometestes aos que crem em vos, virtude pera fazer milagres semelhantes, & mayores que os vossos, resuscitai este defunto que por illusão do demonio perdeu a vida, pera que vejão todos o poder de vossa diuindade, & creão que não ha outro Deos senão vos. Acabada a oração tomou o defunto pella mão, & com grande confiança disse. Em nome de nosso Senhor Iesu Christo crucificado Deos poderoso te leuanta, pera que viuo louues, & confesses a teu verdadeiro criador. Ditas estas palauras abre o defunto os olhos, & dá hum suspiro como quem acorda de sono pezado, & levantandose viuo se lança aos pés do santo bradando. Não ha outro Deos no Ceo, & na terra senão Iesu Christo, crucificado, que Suniberto prega, & me liurou da morte, & do inferno. Com este milagre se conuerterão, não só os pays do defunto, mas todos os mais gentios, & Sacerdotes dos idolos, & receberão a agoa do Baptismo.

CAPITULO X.

Exemplos da força da Oração.

Vende o Abbade Apollo, que viuia na Thebaida, hũa procissão de gentios, cujos Sacerdotes leuauão a estatua do seu idolo com musicas, danças, & festas costumadas, mouido de zelo da honra de Deos, se pos de joelhos, & fazendo oração a Christo Senhor nosso, de repente ficarão todos parados, sem se poderem mouer, concorrendo vizinhos aos clamores, & prantos que fazião por se verem como atados cõ cadeas inuisiveis; & pretendendo cõ forças de animaes que ajuntarão ao menos

mouer

mouer o Idolo, não podendo, em fim se socorrerão ao Abade Apollo, cuja milagrosa vida e respeito, & tinham indícios seria causa de tão grande castigo. Chegando o santo, & fazendo outra vez oração, subitamente se acharão soltos os que até ali estavam presos, & com as cadeas corporaes deixarão as da alma, com que estavam cativos do demonio, cuja estatua logo queimarão, & baptizados viuerão, & acabarão parte em serviço de Igrejas, parte entre os próprios religiosos do ermo.

Caminhando o Abade Besarião pellas prayas do mar com seu discipulo Dulas, depois de largo caminho, se começou a queixar Dulas da grande sede que padecia. Parou o Abade, & se pôs em oração, a qual acabada mandou ao discipulo tirasse agoa do mar, que achou doce como de fonte, & depois de beber tornou encher o vaso pera o restante do caminho, o que vendo Besarião o reprendeo, dizendo, Deos te perdoe filho tua desconfiança, deueras considerar que em toda a parte está Deos, que pode dar agoa doce. Sendo Emperador Mauricio, Christianissimo se levantou Numanes capitão dos Sarracenos, que cruelmente roubava, & desbaratava quanto podia nas terras de Palestina. Caminhando pois pello deserto o Abade Nicolao encontrou tres soldados de Numanes, que leuauão prezo hum moço de muitas partes, & estremada fermosura. Compadecendo-se o Abade do moço, que co' lagrimas pedia socorro, cometeo todos os partidos pera o liurar, rogou, offereceo preço, & aly mesmo em seu lugar, elensando-se os soldados com o preceito que tinham de seu sacerdote de levar todo o moço que achassem de bom parecer pera sacrificio dos seus Idolos, & ainda ameaçando ao Abade com a morte se mais importunasse; elle se prostrou em oração dizendo, Saluador nosso Christo Deos, liura a vosso feruo. Feita a oração entrou o demonio nos soldados, & arrancando das espadas tranarão briga entre sy, & se matarão. Liure desta maneira o moço, o Abade o levou a sua cella, & agasalhou com tanta charidade, que

nunca mais se quis apartar de sua companhia, & os dois acabados sete annos de vida santa, morreo em paz.

(.xi.)

CAPL

CAPITULO XI.

Exemplos da suavidade da Oração.

O Abbade Arsenio sentia tanta suavidade na oração, que alem do exercicio continuo desta virtude, todos os sabba-
dos á tarde se recolhia a orar virado pera o Oriente, & per-
seuerando de joelhos a noite toda diante de Deos então se le-
uantava, quando o Sol, que com seus rayos o ferira o dia d'an-
tes nas costas, pella manhã o começaua ferir no rosto.

O Abbade Zebinas, que nunca na velhice interrompeo ex-
ercicio algum trabalho dos que tinha na mocidade, era tão
affectoado á oração, que dias & noites inteiras gastaua em
tam santo exercicio, & de modo, que despachando com a môr
breuidade que podia os que o visitauão, logo como com im-
peto natural se tornaua á oração; & vendose na velhice falto
de forças pera continuar em pê como costumaua, tomaua por
arrimo hum bordão, ao qual encostado com os olhos no Ceo,
continuuaua, como dantes fazia.

Simeão Stelytes, leuantado em sua columna em que viueo
sempre, tanto que se punha o Sol, posto em pê com mãos le-
uantadas ao Ceo, perseueraua em oração sem ser vencido do
sono, sem se queixar do trabalho, & não cessaua até ser dia cla-
ro, & sol nacido.

Chegando de Siria á Cidade de Espoleto em Italia, Isac
varão santo, & deuoto entrou na Igreja, & pedindo licença ao
Samcristão pera orar sem impedimento o tempo que quizesse,
esteue todo dia, & noite seguinte, & da mesma maneira ou-
tros dous dias, & noites em tam santo exercicio, sem fazer pau-
za, nem interrupção. Escandalizado o Samcristão, & atri-
buindo a spirito de soberba, & vaidade o que era feruor, & ca-
ridade de Deos, com palauras injuriosas deu hũa bofetada no
rosto do santo, mas não sem vingança da diuina justiça; porque
entrou logo nelle o demonio, & derri bandedo a seus pés come-
çou a bradar, Isac me lança; Isac me lança; publicandose por
esta via o nome, & fama do que estaua encuberto. Acodio logo

Tratado primeiro

o santo, lançou o demonio fora com tam grande aplauso da gente, que foi constringido fahirse, & recolherse a lugares desertos, onde liuremente podesse vacar a Deos em sua costumada oração.

A bemaventurada Santa Catherina de Sena depois que chegou a tantas delicias spirituaes, que pôs a boca, & bebeo do lado de Christo Senhor nosso, andaua em hũa continua suavidade de diuina contemplação como alhea de sentidos, & despojada do proprio coração corporal; & muytas vezes, à imitação da Magdalena era leuantada ao alto com raptos, & extases admiraucis; & hũa vez depois da comunhão estando com hum destes raptos, ouuião tres companheiras suas, que estauão presentes palavras tão suaues, & amorosas da santa com Christo, que parecião fauos de mel: & rogando por muitos, em special por seu Confessor, elle estando ausente, & frio, se sentio

subitamente tam aferuorado, que bem se viu
era redundancia diuina, & sobre-
natural.



TRATA-

IESVS

TRATADO II.

Do Autor, & doutrina q̃ principalmēte seguiremos nesta obra.

EM sua valia moedas ricas, não sō da materia preciosa de que sã compoltas, mas dos cunhos, & cruces, & titulos reais com que forão batidas. Afsi passa nos tratados, & liuros spirituaes, que se alem da materia spiritual, & santa de que tratão tem por autores homēs abonados, & insignes em spirito, & santidade, he mayor seu preço, & valia. Esta he a causa, porque tendo mostrado a materia, & onro desta obra que he Oração, logo pretendo dar vista do principal autor, & titulo della, pera que com augmento da valia creça sua estima. E posto que o Spirito Santo por suas escripturas, & inspiraçoēs he o primeiro mestre, com tudo elle mesmo no Deuteronomio manda. *Interroga Patrem tuum, & annuntiabit tibi, maiores tuos, & dicent tibi.* Elle mesmo nos remete a nossos mayores, & pays, que em spirito nos gerarão, pera que nos ajudemos de seus exemplos, & sigamos sua doutrina, como aqui faremos.

Deuter., 32.

CAPITVLO I.

Do Autor da obra.

Ainda que em toda esta obra seguiremos a autoridade das sagradas escripturas, & santos que dellas alumiados tratarão da Oração, o metodo, & ordem tomaremos do bemaventurado Santo Inacio de Loyola fundador da nossa Companhia de IESV, que afsi por exemplo, como por escrito nos ensi-

Tratado segundo do Autor,

non, & deixou, como herdeiros deste morgado celestial, de que todos igualmente podemos gozar.

E pera que neste grande mestre venerassemos tudo diuino, & celestial, do meyo do estrondo das armás o escolheo Deos salto de toda a sabedoria humana, como a seus discipulos, quando de pescadores de peyxes, os fez pescadores de homêes.

Naceo S. Inacio na era de 1491. oito annos depois de nacer a peste de Europa, Martim Luthero, acodindo Deos ja com o antidoto ao veneno, que auia de laurar em sua Igreja. Da milicia corporal se conuerteo á spiritual por occasiam das feridas, que leuou no cerco de Pamplona, de que chegou quasi ao estremo da vida na era de 1521. O primeiro leite que tomou nesta infancia de sua conuersam, foi da oração ao peito da Virgem Maria nossa Senhora; assi estando ainda em sua casa, como na da propria Virgem de Monserrate, diante da qual dependurando a espada, & adaga, velou nouas armas de soldado de Christo, & de sua Santissima Mãe, passando a noite inteira em contemplação do mysterio, que o dia seguinte se celebrava, que era da Encarnação do Verbo Eterno a 25. de Março da era de 1522. Crecendo nesta idade spiritual, & passando a Manreza tres legoas de Monserrate, no coração da montanha, sempre continuou com o mesmo manjar da oração em tanta copia, que todos os dias tinha sete horas de joelhos, afora a Missa, vesporas, & completas, a que sempre estava presente. E este exercicio teve tam familiar toda a vida, que todas as horas do dia se costumaua recolher com Deos dentro de sy; nunca começou negocio algum sem preceder oração; de qualquer creatura por pequena que fosse, como de húa flor, de húa abelhinha, tomava occasião de levantar o pensamento a Deos; & fixando em noites serenas os olhos no Ceo, feitos fontes de lagrimas, dizia. *Heu quàm sordet terra cum celum afficio.* Ah, como me parece mal a terra, quando olho pera o Ceo. Estando porem ainda em Manreza, exercitando se, como dissemos, hum sabbado a hora de Completas, ficou na Igreja tam alheio dos sentidos, em extase tam profunda, que to los o tiuerão por morto, & só algum pulso q se sentia no coração o defendeo da sepultura; assi estene até o sabbado seguinte ás mesmas horas, em que espertando daquelle doce,

& faboroso sono, & abrindo os olhos disse com brandas vozes, Ay Iesus. Estes, & muitos outros são os exemplos da oração do nosso Autor Inacio, que não contente de ensinar por obra, quis também deixar por escrito a doutrina que de Deos aprendeo, & nos auemos de seguir em nosso livro de que logo diremos.

C A P I T V L O II.

Do livro dos exercicios de nosso Padre santo Inacio.

E Stando santo Inacio em Manreza, auendo hum anno pouco mais ou menos, que se sahira de sua casa, tendo a sufficiencia de letras que cabião em hum soldado criado sempre entre as armas, não sabendo mais que ler, & escreuer; com tudo ensinado assi do uso, & experiencia de meditações em que se exercitava; como principalmente do supremo mestre, que he Deos; escreveu hum livro, que he como hũa arte de meditar, & contém hum alto conhecimento, & sciencia de orar, que se intitula *Exercitia spiritualia*; Exercicios spirituaes; porque cõ elles se exercita a alma ao modo q̃ se exercita o corpo cõ os seus, Nem he este titulo nouo, ou desusado dos santos q̃ tratão de spirito. São Boaventura assi intitulou hum tratado que anda no fim do primeiro Tomo, no principio do qual diz, *ut in virtutibus cōserueris, oportet te habere exercitia spiritualia, quibus animam tuam occupes, quia sine ipsis, non poteris in virtutibus perseverare.* Como pera conseruar a faude, & forças corporaes se requiere exercicio corporal; assi pera conseruar a graça, & perseverar nas virtudes he necessario exercicio spiritual; este consiste nas operações de lição, meditação, & contemplação da alma de q̃ adiante em seu lugar se dirã. São Bernardo no livro de Vita solitaria ad seares de monte Dei. *Singulis horis tua distribue exercitia; non spiritualia exercitia sunt propter corporalia; sed corporalia propter spiritualia.* Cada hora tenha seu exercicio corporal, ou spiritual, mas de modo, que os corporaes siruão aos spirituaes, não spirituaes a corporaes. E Ludonico Bloisio

S. Boavent.

S. Bernard.

Ludonico
Bloisio.

in Canone vite spiritualis. Lectioni, precationi, ceterisque spiritualibus exercitijs deditus esto. Lição, oração, & mais exercicios mentaes seja nossa continua occupação. Donde se vê a obrigação que temos os da Companhia de I E S V, de andarmos sempre actuados em estes santos exercicios, pois nosso fundador, & pay nos deixou com este liuro a significação nesta parte de sua vltima vontade.

CAPITULO III.

Da repartição do liuro dos exercicios.

O Liuro dos exercicios ainda que breue, como está cheo de mysterios se pode diuidir em sete partes. A primeira, como preambulo contem vinte notações, ou documentos, que seruem de luz, & guia aos que querem exercitar a sy, ou a outros nestes santos exercicios. Aqui se dá luz ao entendimento pera saber meditar, fortaleza á vontade pera continuar, & não desanimar. Regras de prudencia ao mestre que tem á sua conta instruir, pera atalhar as tentações, que combatem, espiritos diuersos, que perturbão, & pera se acomodar aos tempos condição, natureza, & forças dos que se exercitão.

As quatro partes seguintes se chamão hebdomadas, ou semanas, por respeito do tempo que pede cada hum dos exercicios, que a ellas responde, que he ordinariamente hũa semana; ainda que como diz o mesmo santo Inacio pode ser mais, ou menos tempo, conforme a melhor, ou peor natureza; maior ou menor feruor spiritual do exercitante.

Primeira semana consta de regras, de exames de consciencia; confissão geral; meditação de pecados, & de penas a elles devidas, como inferno. Nellas se dá ordem pera se emendar a vida, & fazer penitencia.

Segunda semana contem meditações da infancia, & vida de Christo nosso Senhor, á vista da qual propoem os meys, & documentos necessários pera eleição do estado da vida, que se ha de tomar.

Tercera semana se occupa nas meditações da paixão de Christo

Christo nosso Senhor, & dá regras da temperança, & modestia no comer, & beber, á imitação, & vista de Christo.

Quarta somaria he da resurreição, & mysterios gloriosos de Christo Senhor nosso; tem contemplação larga do amor divino, & dá regras acomodadas pera se gozar, & festejar a gloria do mesmo Christo. E remata com tres modos particulares de orar, de que se dirá em seu lugar.

A sexta parte do liuro dos exercicios he húa recopilção da infancia, vida, payxão, resurreição, & ascensam de Christo Senhor nosso, repartido cada hum dos mysterios em tres pontos, pera mayor facilidade, & expedición dos que meditão.

Setima parte consta de documentos, & regras cheas de doutrina celestial. As primeiras vinte & duas seruem de conhecer com discrição sobrenatural, os mouimentos, & affectos, que dizeitos espiritos causam na alma, pera que lançados, & vencido o mau espirito, o bom, & diuino se aceite, & siga. Alcançou S. Inacio este conhecimento logo no berço de sua conuersam, quando vendosse mouido com o exemplo dos santos a seguir a Christo; por outra parte o combaria o desejo das armas, & gloria mundana, mas com diuersos effectos, pois o espirito de Christo o deixaua quieto, & satisfeito, o do mundo desgostoso, & triste, por mais que quisessem as entradas diferentes.

Seguemte sete regras, que mostrão o modo de distribuir emôlas, & dar dos bês temporaes.

As seis seguintes acodem a escurpulos, que molestão, & perturbão a vida spiritual. Remata-se esta parte com dezoito preceitos que seruem de conformar a alma com a Fé, & Igreja Catholica.

De todas estas partes nos iremos ajudando no discurso deste liuro, explicando juntamente o que pedir explicação; aqui diremos o que a diante não tem lugar.

C A P I T V L O III.

Da doutrina dos exercicios.

HE a doutrina dos exercicios certa, sem admitir duuida, pois he fundada em principios naturaes, & diuinos, & conclusões

Tratado segundo do Autor,

elusoões mais recebidas na sagrada Theologia, mas de modo que melhor se chamará practica, que speculatiua: porque mais se occupa no exercicio de meditar, & recolher fruto da meditação, que em preceitos speculatiuos da mesma materia. Não falta com tudo a esta obrigação santo Inacio, onde vê que he necessario; porque em varios lugares lança fundamentos de doutrina moral, dá preceitos de oração, & deuiação, & asqde a diuidas, que se podem levantar: como faz na 14.ª annotação da primeira Parte, onde tratando da cautella, que se ha de ter em fazer votos, diz. *Quatuor maioris meriti sit opus ex voto, quam sine voto factum, plurima nihilominus ratio habenda est conditionis propria personarum.* Ainda que obra feita por voto he de mór merecimento, com tudo pera se aconselhar, sempre se ha de respeitar a condição, & natureza da pessoa.

He o estilo do liuro breue, & palauras chãs; os pontos das meditações são compostos de considerações, & comparações ordinarias, & vulgares sem largos discursos; porque o intento de santo Inacio foy fazer hũa breue cifra do que he necessario pera instrucção, spiritual, & proueito interior d'alma pera se exercitar com mais facilidade, & suauidade a oração; & porq̃ sôs principios geraes podem ser comũs a todos: applicação em particular com diuerfidade de circumfancias, mais ou menos discursos fica à conta do mestre, & prefeito spiritual dos exercicios q̃ santo Inacio fopoe, q̃ sempre ha de auer, pera que o exercitante em tudo a elle se fôgeite, conforme ao conselho de

s. Bernard.

San Bernardo ad fratres de monte Dei. *Quandiu paruulus es, & donec plenius addiscas diuinum cogitare presertiam, pedagogum tibi procura.* Em quanto sois nouiço no spirito, emquanto andais na escola da oração; escolhei mestre que vos ensine. Acrescenta no liuro de Ordine vita. *Magnum huius vite solatium est, ut habeas cui pectus tuum aperias.* Disto ha de seruir o prefeito spiritual, de saber quãto passa na alma do que se exercita, he grande consolação da vida ter com quem desabafar.

O mais que resta da doutrina dos exercicios se irá vendo no discurso deste liuro, conforme as occasioões que se of-

ferecerem.

CAP. I

CAPITULO V.

Da nobreza dos exercicios.

Cap. 16

SAm João em seu Apocalypse, vio hum Anjo de estranha grandeza, decer do Ceo vestido de nuvem, cercado de arco de cores, o rosto resplandecente como Sol, os pés como columnas de fogo, com hum liuro pequeno na mão. Pôs hum pê sobre o mar, outro sobre a terra, & bramindo â maneira de Leão, acodirão com reposta sete trouões. O sagrado Euangelista por mandado de Deos tomando, & comendo o liuro da mão do Anjo o sentio na boca doce, no peito amargoso. Esta he a figura da visão, na qual se Andreas Bispo de Cesarea reconhece hũ embaixador de Deos com trajo proprio de embaixada, que outro mais acomodado podemos entender que santo Inacio, o qual nestes vltimos tempos appareceo na terra como Anjo na vida, como embaixador de Deos no officio: A nuvem de que vem cercado denota a confusão, & escuridade de erros do entendimento na fê Catholica, & corrupção de costumes que no mundo achou: A cabeça, & rosto, que por vezes se vio resplandecer com luz exterior, traz cercado do arco do Ceo que brada a paz, & perdão de pecados, que Deos offerece aos que quiserem fazer penitencia: a constancia, & fortaleza nos trabalhos com que o santo resistio a difficuldades, & perseverou na virtude se mostra nos pés em forma de columnas, & no fogo de que vem abrazados a ligeireza com que por via de sua companhia correu, & corre abrazando o mundo todo. Abranje mar, abranje terra, porque não contente com os Reynos de terra firme, passou illhas, promontorios, mares nunca dantes navegados, com a doutrina de Christo, que como Leão forte, & trouão sonoro per si, & seus prégadores com espanto das gentes, Christãos, hereges, gentios, prégou, & prega no mundo.

Mas o que mais faz a nosso proposito he o liuro pequeno, que traz na mão, no qual quem ha que não reconheça o liurinho dos exercicios de que tratamo: cuja doutrina, comida he doce a alma, amargosa a sensualidade, doces as meditações da gloria & vida

Tratado firmado do Autor,

Ezech. 2.

Isa. 66.

& vida de Christo nosso Senhor; amargosas as de pecados, & penitencia, do inferno, & penas da outra vida; semelhante ao liuro que Deos mostrou a Ezechiél, no qual estão escritas, *Lamentationes, & carmen, & va.* Tudo comprehende o pequeno liuro dos exercicios, lamentações da Paixão, & morte de Christo nosso Senhor; Ays sentidos de pecados, & penas a elles devidas; versos, & prosas alegres da Resurreição de Christo, do amor diuino, & perfeições de Deos. Parece-me que ouço fallar a Deos nosso Senhor com o nosso nouo soldado santo Inacio como como nouo Capitão Iosue, & inspirando os mysterios dos exercicios dizer. *Non recedat volumen legis huius ab ore tuo, sed meditaberis in eo diebus, ac noctibus, ut custodias, & facias omnia quae in eo scripta sunt, tunc diriges viam tuam.* Como se dissesse. Toma Inacio tu, & teus companheiros este liuro dos exercicios, nunca te laya das mãos, & menos do coração, & com esta arma vencerás, & será o fim de tua guerra spiritual, mais feliz que da temporal; com esta arma conquistarás o mundo todo. E pois a nosso Capitão se dá este regimento de guerra, nós soldados seus obrigação temos de seguir o mesmo, & de nos prezar mais do exercicio deste liuro em nos, & nosos proximos, que de outra arma. Se com destreza jugarmos della, *tunc diriges viam tuam*, estejamos certos, que sabremos sempre vencedores.

A effigie em que santo Inacio tinha esta arma dos exercicios, que Deos meteo em sua mão, a confiança em sua força, mostrou bem no encontro que teve com hum Sacerdote de muita autoridade chamado Manoel Miona, confessor seu, quando estudava em Alcalá, ao qual de Veneza escreveu a Paris onde estava nesta forma. A obrigação que a vossa M. tenho como filho spiritual a Pay, me constringe querer saber o successo no que pedi, & encomendei, que foy, se dispusesse vossa M. a tomar hum mes de exercicios como promettero faria. Pob onde se a promessa está comprida; por honra de Deos peço me escreua vossa M. o que experimentou. Se ainda está por cumprir de nouo peço por amor de Deos, & por sua sacratissima Paixão vossa M. a não dilate mais. E se tomando estes exercicios vossa M. se arrepender, alem de me offerecer a qualquer penitencia, vossa M. me tenha em conta de ingrato, & desprezador,

zador de pessoas a que deuo todo o respeito, & reuerencia. En-
cárego hũa, & outra vez esta materia quanto posso: porque no
dia do juizo me não tome Deos conta de não pôr todas minhas
forças em persuadir o que entendo he o mais efficaz meyo po-
ra vossa M. aprouear a sy & também a outros; & quando enfi
não sentisse necessidade deste remedio a experiencia mostrará
quanto importa pera fazer fructo em outros. Não foy debalde
este auiso de nosso padre santo Inacio; não causou pequeno co-
ceito na alma de Manoel Miona a estima em que tinha seu liuro
dos exercicios, porque recolhendose com elle o tempo que o
santo pedia, em fim entrou na Companhia, & nella acabou com
grandes mostras, & exemplo de sanctidade.

CAPITULO VI.

Da aprouação dos exercicios.

NÃO he menos louvor da virtude ser aborrecida de maos,
que amada de bõs. Tanto mostra sua força a luz em cegar
olhos de aues nocturnas, como em esforçar os das aguias.
Igualmente louuou o santo Simeão a Christo encarnado de huz
das gentes que o amão de receber, que de final, & alio de com-
tradição dos que o amão de perseguir. Isto se vio natiuro dos
exercicios, cuja fardade em seu principio como a bõs edificou,
assi a maos scandalizou. Começou sua conquista em Salamã-
ca no principio dos estudos de santo Inacio. Erão os tempos
suspeitosos por occasião de Luthero, & outras pestes que em
Alemanha se levantarão. Sendo Inacio fãto ainda de letras,
foy facil entrar em suspeita sua doutrina: mas examinado o
liuro por varões doutos, só repararam em hum documento
da segunda Parte, em que se declara a differença que ha entre
pensamento, que chega a peccado mortal, ou só he venial; ao
que Inacio liuremente respondo, que como Juizes dessem
sentença, reprovando o falso, & aprouando o verdadeiro; mas
não achando que emendando aprouarão.

Comêçado a Cõpanhia de IESV em Portugal, & encerrado em

exerc-

Tratado segundo. Do Autor,

Anno
1545.

exercícios algũs estudantes da Vniuersidade de Coimbra, se vião tam mudados na conuersação, & praticas, que correõ fama tinhão visoẽs. De modo que o Cardeal Dom Henrique, que então era Inquisidor geral se deu por obrigado a denaçar do negocio, por meyo de Frey Diogo de Murcia da religião de S. Hieronymo Reytor da Vniuersidade. Entre os mais sendo perguntado hum Irmão da Companhia por nome Dom Rodrigo de Meneses, que visoẽs tiuera no tempo dos exercicios; respondeo, que espantosas. O Reytor mandando a seu Escriuão desse fê, & escreuesse tudo, acodio o Irmão, que se vira aly mesmo; sendo assi que nunca d'antes se vira, & se achara hum monstro tão feo, qual nunca vira. Proua a cousa em paz, & triumphou a verdade.

Deixando estas, & outras tempestades, que ao diante por industria de maos se leuantarão, digamos a nosso intento, do fauor que bons derão a este liuro dos exercicios. O principal foi o Duque de Gandia Dom Francisco de Borja, que antes de entrar na Companhia, leu com muita curiosidade o liuro todo, & de tal maneira o reuerenciou, que pera mais se dilatar seu fructo, & sem se estranhar a novidade da materia, & estilo, determinou logo alcançar do Papa com sua authoridade o aprovasse; como fez o Papa Paulo III. no anno de 1543. com tanta liberalidade, que não só aproou, & louou sua doutrina, mas encomiendou a sua Igreja a estimalle, & exercitasse; pera o que juntamente concedeo Indulgencia plenaria, como mais largamente se contém no breue, que se pode ver na Chronica da Companhia de IESV, onde tambem está o parecer do Doutor Bartholomeu de Torres varão douto, que escreueo sobre a materia da Santissima Trindade, & depois foi Bispo de Canariã. Entre outras cousas diz: Que depois que conheceo a Companhia, nunca em nenhum de seus religiosos noron erro; & que he tal a doutrina dos exercicios, que he impossivel emenderse sem experiencia, por ser toda ordenada a arrancar vicios, & plantar virtudes, que só com o gosto da alma se conhecem; como aconteceu a muitos que depois de comarem os exercicios diante d'elle affirmarão, que não aua na vida cousa melhor.

Frey Luis Estrada varão igualmente douto, & pio da Ordem de S. Bernardo, em hua carta, que escreueo a seus religiosos, depois

depois de comparar a Companhia a grão de mostarda, que de pequena se dilata mais que outras religiões, chama o liuro dos exercicios, nouiciado do genero humano; porque como em todas as Ordens ha nouiciados em que se formão os religiosos, cada hum conforme a seu Estatuto, assi os exercicios abrangem a todo o genero, & estado de vida; de modo que o nobre, o plebeo, o Ecclesiastico, o secular, o letrado, o idiota, todos achão documentos, & regras de bem viver. O que entendendo o Vigairo de Christo Paulo III. remata o Breue da confirmação com estas palauras. *Hortantes plurimum in Domino omnes, & singulos vtriusque sexus Christi fideles ubilibet constitutos, ut tam ppi documentis, & exercitijs uti, & illis instrui debeat velint. Nec non concedentes, ut huiusmodi documenta, & spiritualia exercitia, imprimi à quocumque Bibliopola per prædictum Ignatium eligendo, liberè, & licitè valeant.* Amoestamos encarecidamente em o Senhor a todos, & a cada hum dos fieis, assi homens como molheres, em qual quer parte do mudo que vião, que queiram vzar, & ser instruidos com tam pios, & deuotos exercicios, & liuremente possão ser impressos por qual quer Impressor, que o Padre Inacio pera este effeito eleger.

Conforme a esta licença do Papa, se aprouou a versam que o Padre Andre Frusio fez de Espanhol em Latim do liuro dos exercicios, & foi o primeiro que com bom agouro, & santos principios sahio de nossa Companhia, que como cento vay sustentando a immensidade de liuros, que cada dia de varias materias della vão sahindo.

CAPITULO VII.

Do uso dos exercicios.

O Primeiro genero de gente, que costumava tomar exercicios, retirandose pera este effeito da conuersaçam com a lugar separado; são os religiosos da mesma Companhia de I. E. S. V. fundadq por S. Inacio. Por estes exercicios comecam seu nouiciado, os que de novo entrãõõ estes continuão hũa, & muitas vezes sua prouação pera sahirem do la mais purifica-

ificados, & juntamente instruidos na vida spiritual, que toda a vida hão de professar; & por esta causa até a morte sempre delles vão tomando forças, & alento afsi com meditações, oração, & exames quotidianos, como com apartamento solitário em que retirados de estudos, pregações, & outras occupaões exteriores ao menos húa vez no anno cada hum por regra, & obrigação se recolhe oito, & dez dias, em que sô atende á contemplação de cousas diuinas, purificação d' alma, & meditações da vida, morte, & Refureição de Christo nosso Senhor, de nouissimos, & semelhantes.

He este santo costume não sô proueitoso, mas necessario pera se conseruar em sua força, & pureza o instituto da Cópanhia, & fundado no exemplo de Christo Senhor nosso, & doutrina de santo Thomas, que depois de dizer que solidão, & deserto não he lugar acomodado pera religioes que professão vida actiua; acrescenta. *Nisi forte ad tempus exemplo Christi qui ut dicitur Luc. 6. Exijt in montem solus orare; & erat pernoctans in oratione Dei.* Saluo se os religiosos se apartarem por breue tempo a tratar com Deus a exemplo de Christo, que se apartaua aos montes, & gastaua as noites em oração. O que confirma o uso, & apartamento quotidiano da Companhia nesta parte, como tambem o deserto de quarenta dias confirma o apartamento mais largo dos exercicios. De religiosos de seu tempo diz santo Agostinho. *Per multos dies à conspectu hominum separatos, & nulli ad se prebentes accessum; includunt se ipsos viuentes in magna intentione orationis.* Apartados da gète se recolhem em lugares separados, onde gastão muitos dias em grande feruor de oração. Dôde se colhe, que este santo uso de exercicios não he sô proueitoso a nouiços, & aos que vam caminhando na perfeição, mas ainda a varões per feitos, q de neccsidade afrouxão no spirito com occupaões da vida actiua; & neste domestico deserto tem occasião de se reparar, & lograr com mais gosto, & quietação a suauidade da contemplação que professão.

Exercitados bem desta maneira os religiosos da Cópanhia, passaõ auante, & communicão este segredo (spiritual) a seculares, & ainda a religiosos de outras Ordens, com tanto fructo como logo veremos. Afsi o encomenda santo Inacio a seus filhos

nas

2.2. q. 188.
art. 8.

Luc. 6.

nas Constituições por estas palavras. *Ad exercitia spiritualia alijs tradenda, postquam quisque in se ipso fuerit expertus, assuescant, & dent operam omnes, ut eorum reddere rationem, & in hoc armorum spiritualium genere tractando (quod Dei gratia ad ipsius obsequium tantopere conferre cernitur) dexteritatem habere possint.* Todos depois que em sy experimentarem o fructo dos exercicios, trabalhem por estar presentes em seus documêtos, & doutrina, & saber jogar cõ destreza destas armas spirituaes, pois por misericordia do Senhor tanto seruem pera se alcançarem gloriosas vitórias em seu seruiço.

E ainda que não falta quem reprehenda communicarem-se estes exercicios a seculares costumados a pecados, & de vida solta, he sem fundamento, pois o fim que nelles se pretende he não somente aproueitamento nas virtudes, & alcance de perfeição, mas emenda de costumes, penitencia de pecados, mudança de estado de vida; & por esta causa dão meyo a comodados pera alcançar graça com que se sigão estes effectos, & se tirem os impedimentos que impedem tanto bem. O primeiro meyo he o apartamento da conuersação de homens de cuydados, & negocios temporaes, conforme a doutrina da sagrada Escritura, & santos. O segundo he metodo de meditar, & discorrer em materia de pecados, & nouissimos de que diz a Sabedoria.

In omnibus operibus tuis memorare nouissimam tua, & in eternum non peccabis. Terceiro, exemplos da vida, & Paixão de Christo nosso Senhor, em cuja meditação, & obediencia está nossa salvação. Quarto, preceitos, & regras de temperança; penitencia, & mais virtudes. Quinto, luz & conhecimento pera gouerno de diuersos estados da vida. Ao que se acrescenta, que conforme a diuersidade de pessoas se costumão comunicar tambem, de diuerso modo os exercicios, sem auer hũa só medida pera todos, como auija santo Inacio em suas Constituições. Por onde a rudes, & idiotas assina tres modos de meditar, & orar mais simples. A pecadores que pretendem emenda, a primeira somana de exames de consciencia, & confissão geral, meditações de pecados, & penas devidas. A prouectos no spirito, meditação de amor diuino, Ressurreição de Christo. A seculares, meditações, que seruem de eleição de nouo estado de vida, ou de melhoramento no mesmo estado, o que

Ecclesi. 7.

7. p. cap. 9. §.

8.

Tratado segundo do Autor,

que tambem concorre em religiosos, que das mesmas meditações se podem ajudar pera eleição de mór perfeição, & renouação de bõs propósitos, conforme a seu instituto.

CAPITULO VIII.

Dos effeitos dos exercicios.

PER A mayor abonação, & respeito dos exercicios, resta dizer do fructo q sempre causaram, & causam nas almas q os tomão. Nos principios da Cõpanhia, na era de 1539. foy notavel exemplo de hum Sacerdote, q na Cidade de Sena em Italia fazia officio de Comediante, não sò cõpondo, mas pessoalmẽte representando em teatro publico com grande escandalo, & descredito de sua dignidade. Este pois persuadido dos Padres Pafchasio, & Estrada, q por ordem do Papa forão em missão à mesma Cidade, tomou exercicios com tanto conhecimento, & arrependimento de seus peccados, q não contentè da contrição pera com Deos, determinou tomar em sy vingança, com q tambem satisfizesse aos homẽs. Acabada a prègação de hũ religioso Franciscano, estando a Cidade quasi toda junta, sobio o contrito Comediante ao pulpito de hum barão ao pèccoço, rosto pallido, olhos baixos, gesto humilde, & pedio perdão cõtais finais de arrependimẽto, q em lugar de riso, q antes com suas graças causaua, moueo todos a lagrimas, & cõpaixão; & mais cõuerreo esta figura de penitencia o auditorio, q a eloquẽcia do proprio prègador. Pretendeo em fim este boni Sacerdote gastar o restante da vida entre os que derão remedio à sua, & entrar na Cõpanhia, mas não soffrendo dilacões, que a materia pedia entrou na Ordem dos Capuchos, onde viuco, & morreo com grandes mostras de santidade.

Na era de 1547. ouue hũ mancebo fidalgo filho de hũ Barão na Cida de de Messina em Sicilia, tão perdido em costumes, & tão desobediẽte, & distraido, q o ppy esquecido de sua nobreza, deseioso de seu aproueitamento, o meteo nas Galès pera q com o rigor da vida, & castigo proprio de escrauos, amansasse, & se emendasse. Entrou neste tempo na Cidade o Padre Hieronymo Domenech da Cõpanhia de IESV, em missão, & cõpadeceose do fidalgo, & vendo q o rigor da vida o não melhoraua, o tirou das

Chron. Soc.
cie 1. lib. 2.

q. e. q. q. q.

2.

das Galês cõ licença de seu pay, & meteo algũs dias em exercicios, dõde sahio tão mudado, q̃ de leão se tornou cordeiro, & o q̃ aq̃outes, & castigo não acabarão, acabou a oração, & meditação de pecados, & inferno em q̃ se exercitou.

Contra Nicolao Romeo autor da Cõpanhia de IESV no liuro *Roma. 9. lib. de effigie Caluini.* de effigie Caluini. de hũ Abbade de certo Mosteiro, q̃ tendo hũ religiozo distraido, incorrigivel, & perturbador dos mais, o m̃a dou por ultimo remedio ao Reitor do Collegio da Cõpanhia de IESV, cõ este recado. *Mittimus vobis diabolũ, remittite nobis Angelũ.* Mado este demonio, peço q̃ se me torne a mandar feito Anjo. O Reitor o recebeu cõ muita charidade, mas entrãdo cõ elle cõ todas as mostras de benevolência pera alcãçar o fim, que pretendia, nada aproueitou, a tudo o religioso resistia, o proprio nome de exercicios spirituaes cõ que o conuidava, como peste aborrecia. Em fim de importunado depois de dous dias, aceitou entrar em exercicios, mais pera se ver liure de importunações, & gastar o tẽpo, q̃ cõ animo de aproneitar. Grande he o poder de Deos, & muy efficazes os meyoys de sua predestinação. Escasamente tinha entrado, quãdo tocado do diuino spirito, começou cõ meditações de morte, & pecados fazer tal mudança em sy, q̃ em breue de leão estaua manso cordeiro. Mereceo em fim ser outra vez mandado a seu Superior, com esta resposta. *Missi nobis diabolũ, remittimus Angelũ.* O q̃ veyo demonio ja torna Anjo, como na verdade foy dahi em diãte cõ exẽplo de modestia, deuação, & obediencia em q̃ perseverou entre seus irmaõs.

Entre todos foy insigne o exẽplo de S. Francisco Xavier da mesma Cõpanhia, a que S. Inacio querẽdo em Paris ganhar pera Deos, deu exercicios, cõ tam feliz successo, q̃ alem do feruor cõ q̃ os tomou, estãdo quatro dias inteiros sem comer cousa algũa, & fazẽdo asperas penitências, sahio tão trocado nos intẽtos, q̃ trazia de valer, & sobir, que elle mesmo se não conhecia, mas soube bem conhecer a Deos, & seguir, & acõpanhar seu mestre S. Inacio, & fazer as maravilhas que sabemos no mundo.

Não se limita o fructo dos exercicios sò aos da Cõpanhia, q̃ cõ elles como leite se crião, & a seculares q̃ com força da tempestade de seus pecados, a elles como a porto se recolhem; mas tambẽ a religiosos d'outras Religioes, assi homẽs como molheres, desejosos de mór perfeição em special nas partes do Nor-

Tratado segundo do Autor,

re, onde com a vizinhança, & conuerfão de hereges, se esfria mais a religião Catholica, & disciplina Monastica.

Neste genero he insigne, o exêplo de hũ Mosteiro de S. Francisco da obseruância em Tolosa de França, cujos religiosos desejosos de seu aproueitamêto spiritual, pedirão aos da Cópanhia, q̃ na mesma Cidade té Collegio, os quisessem ajudar cõ o beneficio dos exercicios: Tiuerão os padres por aluitre de grande gosto esta petição. Afsi reuezãdo se dous, & dous destros neste ministerio, galtarão hũ mes inteiro, viuêdo das portas adentro no Mosteiro, & derão os exercicios a numero de 70. religiosos, cõ tanto fruto, quanto cõ palauras se não pode declarar. Chegou a fama desta deuacão, a outras casas da mesma Prouincia q̃ quiserão ser participantes da mesma graça, em special auultou mais o exemplo do Guardiã do Mosteiro de Tolosa, & do Definidor da Prouincia, que escolherão antes recolherse no Collegio da Companhia, onde mais deuagar tiuerão occasiã de se exercitar em oração, & meditações acomodadas a sua necessidade, & deuacão.

Em Piſtauio da mesma França, está hũ Mosteiro de freiras chamadas de S. Cruz, q̃ da maneira q̃ podia ser, pedirão aos da Cópanhia, q̃ aly tem Collegio, as quisessem fazer participantes do beneficio dos exercicios. Cõdescenderão os Padres cõ sua petição, & praticãdo â grade o modo de meditações, & ordẽ q̃ auião de guardar no recolhimêto da cella certas horas do dia, deixarão o Mosteiro consolado, & ajudado, sendo a primeira neste santo exercicio a Abbadessa irmã do Principe Auriaco.

O mesmo socedeo na Cidade de Craçouia em Polonia, onde se derão os exercicios a quatorze freiras do Mosteiro de santa Clara cõ muito fruto spiritual de suas almas. Pera q̃ deixe outros afsi de religiosos, como de religiosas, q̃ cõ exemplo hũs de outros em Alemanha, Flandes, & França frequentemente pedẽ este subsidio, que santo Inacio deixou na terra.

Mas nõs pondo aqui termo ao que em geral se pode dizer dos exercicios, referuemos o particular de cada hũa de suas partes pera seu lugar, conforme as materias, que ao diante trataremos; pera que igualmente vão dando os exercicios luz á obra, & a obra aos exercicios, & entre tanto tratemos das potências, & affectos, que concorrem na oração.

IESVS

TRATADO III.

Das potencias, & affectos de
nossa alma.

CONSTA a oração de actos humanos, & liures, como adiante veremos; estes tem seu principio, nas potencias d'alma. Por onde auendo de tratar da oração, necessariamente ha de preceder este tratado das potencias, & de suas operações, o que faremos, não com curiosidade Philosophica, mas quanto baste para alcançar o fim que pretendemos.

CAPITULO I.

Da diuisão das potencias de nossa alma.

HE nossa alma de sua natureza racional, per eminência sêstiuua como a dos animaes; vegetatiua, como a das plâtas. Daqui nasce ter diuersas potencias; hûas spirituaes, outras corporaes; hûas comûas com Anjos, outras com brutos; hûas aprehensiuas, cujo officio he perceber, ou conhecer; outras appetituas, cujo officio he apeteçer.

Primeira potencia aprehensiuua spiritual, he entendimento, cõ o qual, não sò conhecemos cousas corporaes, mas spirituaes, como Deos, Anjos, a que não chega potencia corporal.

Memoria não he potencia differente, mas o mesmo entendimento, em quanto recorda o que antes conheceo.

Segunda potencia aprehensiuua, corporal, interna, he imaginatiua, com a qual samente conhecemos interiormente, o que exteriormente recebemos pellos sentidos, sem sobir do corporal, ao spiritual. Esta potencia em quanto se lembra do que antes percebeo se chama memoria sensitiua.

Tratado terceiro das potencias,

Ha outro genero de potencias apprehensivas, corporaes, externas, que são os sentidos de ver, ouvir, gostar, cheirar, apalpar; cada hum dos quaes tem seu objecto particular, em que se occupa; como a vista, cores; ouvidos, som; olfato, cheiro; gosto, sabores; tacto, qualidades de frialdade, quentura; com que maddão especies da maneira que podem ao entendimento, & assi se fazem intelligiveis.

Das potencias appetitivas. A primeira he intellectiva, assi chamada, porque segue o entendimento. Esta he vontade, potencia spiritual, que sobe a apetecer cousas spirituaes, a que não chega potencia corporal.

Segunda appetitiva se chama sensitiva: porque segue noticia, do sentido interior, que he a imaginativa, & somente appetite cousas corporaes, sem sobir às spirituaes. Este appetite temos comum com os brutos animaes, que vemos appetite cousas semelhantes. Experimentamos fer diferente da vontade, quando a natureza nos inclina a algum bem corporal, & a alma resiste, o que não pode fer cõ a mesma potencia, pois he querer juntamente, & não querer.

Diuidese este appetite em irasciuel, & concupisciuel, não por serem dous diferentes, mas o mesmo, com diferentes officios. Concupisciuel, nos inclina buscar tudo, o que he conforme à natureza, & sentidos corporaes. Irasciuel, afasta tudo o contrario. De modo que como mantenedor do concupisciuel, se poem em campo por elle, & pretende sustentar na posse de seus gostos.

Tem seu assento este appetite no coração, & por essa causa sentimos, & experimentamos nelle os affeitos, & efeitos de ira, & amor.

Imaginativa reside na cabeça, em que da mesma maneira sentimos efeitos de suas operações.

Entendimento, & vontade como são potencias spirituaes, não residem em órgão corporal; & assi acompanhão a alma apartada do corpo, o que não tem

as potencias corporaes.

(*)

CAP.

CAPITULO II.

Do objecto das Potencias d'alma.

PO-R objecto de potencias, entendemos neste lugar a materia em que as potencias se occupão, ao modo das artes mechanicas, cujo objecto he a materia em que laurão; como do Ourivez, ouro, ou prata; do Oleiro, barro; do Lapidario o Rubi, o Diamante.

Começando pois por entendimento potencia mais nobre, diremos que seu objecto he Deos, & creaturas, não só que tiue-
rão, tem, & terão fer; mas todas a quem Deos o pode dar; em
fim toda verdade, ou certa ou representada como tal, quais são
as negações, como cegueira, que he negação de vista; & trevas,
que são negação de luz; de forte que he impossivel aprovar
coisa que como falsa se representa. O objecto da vontade he o bem; em forma que não he possi-
vel querer sem appetecer a vontade coisa alguma em que não
ache razão de bem, ou verdadeiro, ou aparente; como nem o
entendimento pode dar consentimento, ou aprovar senão o
que he verdade, ou como verdade se representa. He tão essen-
cial isto na vontade, que até os danados no inferno, que estam
obstinados no mal, se querem peccado, & desgosto, & desprezo
de Deos, he com alguma razão de bem seu, como de faltar Ira,
& odio que contra elle tem. Mas como o bem, ou he honesto,
ou vil, ou delectavel, este dos danados não pode ser honesto,
pois temido do demão a toda a virtude, & santidade; sera vil,
ou representado como tal, pera o fim de seu odio que dissemos.
Por occasião desta doutrina advertto, que pode a mesma coisa
per razão de bem honesto, vil, delectavel, como he amor de
Deos, que em sy he acto honesto, & virtuoso; & pera alcan-
çar a bemaventurança, proveitoso, & exercitado, delectavel.
Se por objecto entendermos coisa em que a vontade tam-
bem se occupa aborrecendo, abominando, fogindo, diremos que
tambem a mal do objecto da vontade, como a falsidade objecto do
entendimento, em quanto della aparta seu consentimento. Mas

significação absoluta, de objecto da vontade, he em q se occupa querêdo; como do entendimêto em que se occupa consentindo.

Conforme a esta doutrina, objecto do appetite sensitivo, he o bem sensível, & corporal, que representado na fantasia não pode deixar de se apetecer. Mas se ao modo, que discorremos na vontade, por objecto neste lugar entendermos tambem coisa, que o appetite foga, & abomina, diremos que tambem mal sensível, & corporal he objecto do appetite.

CAPITULO III.

Da subordinação, & harmonia que guardão entre sy as potencias de nossa alma.

TEM nossas potencias esta liança entre sy, que ainda que spirituaes, & corporaes; apprehensivas, & appetitivas, ordinariamêto em seus actos se a companhia, & seguem hũa as outras. Daqui vem que quando o entendimento se occupa em algum objecto, juntamente a imaginativa sae, com operações quanto pode semelhantes, acerca do mesmo. O appetite sensitivo pella correspondencia que tem com a vontade se moue como por hũa redundancia a apetecer o mesmo que a vontade quer.

Comparando potencias appetitivas, que são vontade, & appetite sensitivo, com as apprehensivas, que são entendimento, & imaginativa, geralmente se ha de dizer, que as appetitivas seguem as apprehensivas no modo de obrar, que he o argumento de que sou nosso Padre S. Inacio na carta de obediência, pera prouar q sem obediencia de juizo, não pode auer obediencia de vôtade. *Nisi hæc obediencia iudicij existat, fieri non potest, ut vel consensus, voluntatis, vel executio talis sit, qualem esse oportet; Natura enim ita cõpertum est, ut animi nostri vires, que appetitiva dicuntur, sequantur apprehensivas.* He a vontade potêcia essencialmêto liure, porq he senhora de suas acções, q pode fazer, ou deixar de fazer depois de proposto o objecto, & aduertencia no entendimêto. Dõde vem q todas as obras, q fazemos liures, & senhores dellas, dependem, & nascem da vôtade, por onde ella como rainha moue o entendimento, & mais potencias pera obrar, saluo em actos q chamão primo primos, q subitamente se antecipão.

An Epist.
Obed.

Entendimento não moue a vontade pera obrar, só propoem o obiecto, pera que o aceite, que he modo de mouer, mais cõuidando, que mandando, mais mostrando como ha de obrar, que constringendo a obrar.

Ha dous generos de imperio, Politico, ou Ciuil, como do Rey pera vassallos, que cõ obedecerem tem liberdade pera resistir: Despotico, ou seruil, como de senhor pera escravos, em quem não ha liberdade, pera repugnar.

Manda pois nossa vontade a imaginatiua cõ imperio ciuil, & não seruil; pois a experiêcia mostra, q̃ repugnado muitas vezes a vontade, não deixa de cõtinuar na torpe imaginação, ou seja quando o obiecto exterior está presente, ao sentido, ou por suggestão do demônio, ou cõpreensão natural, ou afeição do appetite, q̃ dá mayor força à imaginação. Como mesmo governo politico, & não despotico mada a vôtade o appetite sensitivo. Porq̃ ainda q̃ pode menear, refrear seus mouimêtos, como ensina a experiencia, & a Escritura; *Sub te erit appetitus ciuis, cõ te dominaberis illius*, cõ tudo frequêtemente segue o appetite bẽ sensuaes cõtra vôtade bẽ ordenada, como experimêtamos. S. Paulo quando dizia, *Video aliam legẽ in membris meis repugnantem legi mentis meae*. Experimêto em meu corpo leys diferentes das leys da alma.

Nace esta foltura ao appetite de seguir a imaginatiua q̃ em occasiões he tão forte por causas, q̃ a alma apontaamos, que nunca acaba de ser bẽ senhoreada da rezão; vem també da cõpreensão natural, & qualidades do coração; em q̃ o appetite reside, q̃ em colericos facilmente se acendẽ em ira; em sanguinhos em afeição, & alegria; membros & sentidos exteriores do corpo mone nossa vôtade cõ governo despotico, ou seruil, sem repugnancia ciuil, como experimêtamos, salvo em caso de doença, ou impedimêto natural. Ainda q̃ a vôtade, como raynha manda, & menear a harmonia de potências, & sentidos, como dissemos; também o appetite sensitivo executa nella seu imperio, não seruil, nẽ ainda ciuil, q̃ estes não pode ter potêcia corporal, & inferior sobre spiritual, & superior, mas cõ imperio violento, & descortes, como faz o seruo mal criado a sua senhora; de modo q̃ se sujeita ao q̃ elle quer, ficando cõ tudo, sempre cõ liberdade pera resistir, por mayor q̃ seja a força do appetite, salvo em caso q̃ o impeto de ira, ou afeição tira o juizo, & escurece de todo a rezão.

Gencl. 4.

Ad Rom. 7.

Ho. 1. 11.

1. de com. 1.
2. q. 1. 11.

20. *Tratado terceiro das potencias,*

CAPITULO III.

Dos actos do entendimento.

Chamase nosso entendimento pratico, quando o fim de sua consideração he obrar; como quando considera nos preceitos diuinos, pera os guardar. Chamase speculativo, quando o fim de sua consideração, he só conhecimento; como quando discorre na distincção das pessoas diuinas, na criação do mundo.

Operações do entendimento em geral são tres. Primeira, cogitação simples de hũa só cousa, ou muitas sem sentença; como de Deos, homem, pecado, morte, Anjo, Virgem Maria. Segunda cogitação composta, que se chama juizo, & he quando com sentença, & ordem ajuntamos cousas varias, como as de cima nesta forma. Deos criou o homem; morte he effeito do pecado; o Anjo saudou a Virgem Maria com respeito. Terceira operação he discurso, que se faz quando o entendimento do conhecimento de hũa cousa, se move a conhecer, ou inferir outra; como nas mesmas de cima por esta ordem. Deos criou o homem; a criatura deue amor ao Criador; logo o homem tem obrigação de amar a Deos. Morte he effeito do pecado; eu cometi milhares de pecados; logo mereço mil mortes. O Anjo saudou a Virgem com respeito, & reuerencia; eu sou homem mortal inferior ao Anjo; deuo pois saudar a Virgem com maior temor, & reuerencia.

He nosso entendimento como taboa razea, & lisa em seu principio; qual for a tinta, tal a pintura; qual a materia, tal a forma de sua operação. Em materia de sciencias, terá operações naturaes, de torpeza, brutaes, de cousas diuinas, & espirituaes. Estas diuide Richardo de sancto Victor, em cogitação, meditação, & contemplação, que em effeito se incluem nas tres operações q' dissemos. Cogitação nas primeiras duas; meditação na terceira; contemplação parte na primeira, parte na terceira; do modo que em seu lugar se dirá. Isto basta para o nosso intento das operações do entendimento; deixando o mais a Philosophos naturaes.

Gen. 1.

Mat. 23.

Arist. 1. Post.

1. de conté.
plat. cap. 3.

CAPITULO V.

Dos affectos da vontade, ou appetite em geral.

Os affectos, ou payxões com que a alma abraça o que se representa bom, & comieniente; rejeita o que se representa mau, & contrario; se podem reduzir a numero de dez. Primeiro, amor, ou affeição. Segundo, desejo, ou saudade. Terceiro, esperança. Quarto, audacia, intencção, ou resolução. Quinto, gozo, deleitação, ou fruição.

Pera fogir o mal outros cinco, por esta ordem. Primeiro, odio que responde ao amor. Segundo, abominação, ou fugida, responde ao desejo. Terceiro, temor, & esperança. Quarto, traça, audacia, ou resolução. Quinto, tristeza, dor, & gozo.

Estas payxões, ou affectos se achão igualmente na vontade, & appetite corporal, & no mesmo tempo concordam da parte de hũa, & outra potencia. & juntamente de hũa, & pella hũa radical da alma, que ambas as potencias se unem, & se unem começando a vontade, & levando o appetite; ou começando o appetite, & levando a vontade; mas com differença triunpho. Em materias de virtude he levado o appetite como príncipio, & cativo. Em materias de peccado, he levada a vontade do appetite como Raynhã a rainha do escuro.

Quando a razão, & bondade de hũa payxão unida, & hũa tocos, querem que todas sejam máis, & piores, que todas boas; melhor philosophão Peripateticos, que hũa fazem boas, & outras más; o qual estado por regras de Theologia dizemos, q quando são governadas pella razão são boas, quando são governadas pela razão, más, como a paixão mais claramente se mostrará.

CAPITULO VI.

Da payxão do amor.

(1.)

Esta payxão, ou seja da vontade, ou do appetite he hum affecto, ou affeição, que não respeita presente, ou ausente, mas o bem

Tratado terceiro das potencias,

Homil. 3. in bem tomado em sy. Delle disse S. Gregorio Nyssen. *Amor est*
 Eccl. *intrinsecè in id, quod animo est incundum, habitudo.* Amor he hũa
 inclinação intrinseca da alma ao que agrada. S. Agostinho. *Ani-*
ma fertur amore quocumque fertur, sicut corpus pondere. O offi-
 de Ciuit. ca. cio que faz o pezo na pedra, faz o amor na alma; pera onde in-
 28. clina o pezo, segue a pedra; pera onde inclina o amor, segue a al-
 ma. Divide-se em amor de concupiscencia, & beneuolencia, ou
 amizade. Com amor de concupiscencia nos inclinamos ao
 bem, ou a pessoa, que o possui, por nollo interesse, & proveito.
 Com amor de beneuolencia nos inclinamos ao bem por si so-
 mente, como termo, sem ter olho em proveito nollo. Quando
 amamos por hum, & outro respeito, he juntamente amor de be-
 neuolencia, & concupiscencia, o qual se acha no pay pera o filho,
 quando quer, & ama nelle riquezas, & dignidades por ser filho,
 & por interesse que espera.
 Cant. 3. Esta payxão quando he mal ordenada, traz mayores males,
 que outra algũa; he mais impetuosa que todas as mais. *Fortis*
est ut mori sis estis, diz o Spiritto Santo. Amor he forte como
 a morte. Os males que consigo traz, refere S. Agostinho nos li-
 b. de Ciuit. Dei. *Ex hoc mordaci curæ, perturbationes, ma-*
iores, &c. O primeiro remedio contra amor peruerso & torpe,
 he retirar imaginação, & sentidos, da coisa amada. Se assi fize-
 ra Eva, não cabira. O Aqui se perderão gigantes no principio
 Genes. 2. do mundo. *Videntur filij Dei filij hominum,* seguirão a curiosi-
 dade dos sentidos; como também fez Holofernes com Judith.
 Genes. 6. Nas gñerras corporaes fugit he couardia; nas espirituaes, va-
 lentia. Nos males da alma, o primeiro remedio he retirar
 o sentido da coisa amada. Segundo remedio, virar ociosidade, que como diz a regra da
 nossa Companhia, he origem de todos os males. Diogenes apud
 Laertium. *Amor est otiosorum negotium, dum otio vacant in-*
rem negotiosissimam incidunt. Amor he ocupação de ociosos;
 o ocio os mete no mayor negocio de todos. Deste affeito di-
 remos mais largamente ao diante conforme aos
 tratados de vicios, & virtudes, que
 se offerecerem.

(+.)

CAPITULO VII.

Do affeito do desejo.

HE desejo, appetite de bẽs futuros, faccis de alcançar, ou se-
 jão próprios do homem, como fazeda, & honra, ou comũs
 com brutos, como gosto de sentidos, que ainda nesta parte he o
 homem inferior a brutos animaes, pois esta sojeito a mais de-
 sejos, & appetites desta vida. Elles fartos não passam adiante.
At homini (diz Hipocrates) *ut se expleat, nec dies, nec noctes sa-*
tis sunt. O homem continua banquetes sobre posse, & não
 Remedios contra o perverso amor, igualmente servem con-
 tra o mau desejo, que em apontando se ha de portar, por que não
 chegue seu remedio a se impossibilitar. Seneca. *Facilius est im-*
peria affectuum prohibere, quam impetum regere. Estas sã as orien-
 tas, que David quer arremessamos em nação a pedra Christo.
Beatus qui tenebit, & allidet parvulos suos ad petram. Serve
 tambem meditação da morte, a vista da qual se desenganão de-
 sejos da vida. Porque como diz S. Paulo. *Præterit figura huius*
mundi; he representação que acaba; he fugido, que desaparece.

Epist. 36.
 Psal. 136.
 1. Cor. 7.

CAPITULO VIII.

Do affeito da esperança.

ESperança neste lugar não he virtude Theologica, mas affei-
 to da vontade, payção do appetite, mais efficaz que o desejo
 com que nos inclinamos ao bem futuro, como fim, & termo,
 mas difficuloso de alcançar, não como tudo impossivel. Efeito
 proprio desta payção he obrar com presteza, & promptidão.
 Achase tambem nos brutos animaes, porem mais limitada, &
 pera menos obiectos, como dissemos do desejo.
 Se o bem se representa impossivel, neste caso se muda este
 affeito, em desesperação, e que não se deu lugar particular na
 repartição, que a fim fazemos, por entrar de vorta com espe-
 rança difficulosa, & se e por obiecto do mesmo bem, & não mal,
 donde se toma a principal distincção.

Audácia, intenção, ou resolução he payxão afoura que ad-
mette meios necessários, & acomodados pera alcançar o
bem difficuloso. Serue este affecto, & accompania a esperança,
& por esta causa se ajuda dos mesmos mótuos. Quam faceis
nos achamos por esperança, tam afentos saliremos com au-
dácia. Esta possuem em materia de virtude, os que gozão de boa
consciencia, pois estão mais certos de auxilios diuinos. Assim se
achaua S. Paulo quando dizia: *Omnia possum, in eo qui me com-
fortat*. David: *In Deo contritus grediar maribus*. A má conscien-
cia sempre teme, não he afoura pera acometer. *Fugit impius
animus persequentes* diz a Sabedoria. Causa audácia nos mem-
bros exteriores, frialdade & tremor, porque se arma com que-
stura interior, pera melhor obrar.

Ad Philip. 9.

Psalms. 137.

Proverb. 28.

22. 1. 1. 1.

22. 1. 1. 1.

CAPITULO X
Do gozo.

Como a pedra, & audácia no barto, logo no alto; rios no
mar; así o apetite, & vontade alcançado o bem que dese-
jaua, ou seja barto real, & verdadeiro, ou imaginado. O acto com
que hegra este bem he gozo, delectação, alegria, fruição. Ainda
que delectação, como os mais affectos de que tratamos, nem
se desliza sem má, pinto todando os porrenas que se tomão em ma-
teias incantes, a despeito de mercedem, não são más, & tanto por
seu maior resistencia quanto com maior força combatem. A
Primeiro remedio he consistir a ellas. Serão encantadas, e
somelhem, que logo passa, & acaba; e se aloga com o rosto, mor-
de com o cabo, palse o cutentee o genito, e se eleb me, ou se
se me. *Sperne voluptates, nocet, impta, dolera voluptas*. Espinagem
Pera: que he um testemunho senão o da Euangelho, em
que Christo nosso Senhor compara semelhantes aos espinhos.

Horat. lib. 1.
epist.

Segundo remedio, considerar a breuidade com que estes bẽs enfastiã. Naçe ilto, porque excedem a medida da rezão; bẽs spirituaes não tem este effeiro, porque nunca excedem, nem podem exceder, sempre ficão abaixo do que a rezão pede. Mas nós do verdadeiro gozo, & seus effeitos tratar emos, quando chegarmos á charidade, & contemplação.

CAPITULO XI.

Da payxão do odio.

Explicados breuemente os affeitos, que se occupão no bem, resta dizer, dos que tem por objecto o mal, & primeiramente do odio, que he contraposto ao amor. Com este aborreçemos o mal tomado em sy, sem respeito a presente, ou futuro; ou seja verdadeiro, ou como tal imaginado. Com este affeito pode hum ter odio aly mesmo, pello mal que em sy vê, ou pode ver; & será odio bem ordenado, se em materias de offensa de Deos, se aborrecer, como pecador.

Ter odio ao peccado do proximo, ou desejar ao mesmo pena justa por elle, he louuauel, & licito; ter odio por outros respeitos he illicito. David. *Nonne, qui oderunt te Domine, oderam, & super inimicos tuos tabescebam.* Aborreço Senhor, quem vos aborreço, sou inimigo mortal de vossos inimigos.

P salm. 13.

Remedio pera não ter odio illicito ao proximo, he considerar as rezões de bem que nelle ha, pera ser amado, que a charidade sempre acha.

CAPITULO XII.

Da fugida, & temor.

A Payxão da fugida, ou abominação, he com que fugimos mal futuro, & facil d'euitar, he contraposta ao desejo. O affeito do temor arreçea, & foge males difficultosos de euitar, que vem já ameaçando. Estes podem ser, primeiramente males de

Tratado terceiro das potências,

de culpa, como são os que nascem de tentações do demonio, ou outra criatura que pretende incitarnos ao peccado. Segunda-mente, males de pena, como he morte, que cada hora pode succeder. Acha-se esta payxão igualmente em brutos, & chama-se temor irracional, nos homẽs racional; & abranje a mais ob-jectos, que o dos brutos, pois chega a males de pobreza, des-honra, do corpo, & alma. Tem esta payxão tomada em geral seis especies, ou effectos.

Primeira se chama *seguities*, que he o mesmo que frouxidão pera acometer o mal, que vem ameaçando.

Segunda *erubescencia*, pejo de honra perdida por mau successo.

Terceira, *verecundia*, vergonha de se perder honra em obra que se ha de acometer.

Quarta, *admiratio*, admiração, ou pasmo, de que diremos em outro lugar mais largamente. Aqui basta saber, que he especie de temor, que nasce de conhecimento de cousas, que tem causas occultas, ou são em sy novas, & raras, ou grandes, & sublimes, & que excedem a faculdade do entendimento humano, qual he Deos.

Quinta especie he, *stupor*, que deixa a alma como atonita; he de mal que se representa grande, por causa da pouca experien-cia, & pouidade.

Sexta, *agonia*, he de mal, que ameaça de maneira que senão pode atalhar. Nasce o temor de falta de forças pera resistir ao mal, que vem combatendo. Daqui vem serem ordinariamen-te timidos, os de má consciencia, & froutos os que a tem boa. Se-neca. *Proprium est nocentium, trepidare*. He proprio de maos, temer. A frouxidão, que algũas vezes se acha no temor, nasce da frialdade, que causa no coração, & tremor dos membros exte-riores. Porque por outra parte contrange esta payxão obrar com mais efficacia; & serue pera grande agudeza no entendi-mento, pera traçar, & tomar conselho.

Remedios contra temor. Primeiro, considerar a nobreza da magnanimidade, & gloria dos magnanimos, & esforçados. Se-gundo, diminuir no conceito, & arreção do mal, que não será tam grande como se teme; ou que de todo não socedera, como a experiencia muitas vezes mostra; & David auiza. *Trepidave-*

runt

D. Thom. 2.
2.º q. 32. ar. 4.º

Epist. 8.º

Psal. 13:

runt timore ubi non erat timor. Terceiro, considerar a sentença de Christo. *Sufficit dici malitia sua.* Bastão tristezas presentes, pera que he a crecentar moléstias, & temores de futuro. Seneca, *Quid necesse est presens tempus futuri metu perdere*; não ha pera que perder tempo presente com temor do que ha de ser no futuro. Digamos com Dáuid. *Dominus protector vite mee, a quo trepidabo.* Sendo Deos meu defensor, quem temerei. Responde Temor á esperança.

Matth. 6.

Psal. 25.

CAPITULO XIII.

Dos affectos da ira, & tristeza.

IRa neste lugar, não he vicio contrario á mansidão, mas affecto que responde á resolução, & audácia; que como esta afoutamente acomete meyos necessarios, pera alcançar o bem difficuloso, assi a ira serue de afastar o mal, que se atravessa, & vingar a causa d'elle, dando mal, por mal. Se esta payxão fizer rosto a difficuldades, que se offerecem contra a virtude, será virtuosa, se contra vicios, viciosa.

Tristeza, que responde ao gozo, he affecto, com que abominamos, & sêtimos mal presente, ou real, ou como tal imaginado. Primeira especie, misericordia natural, ou compayxão de mal alheio, quando o tomamos como nosso. Segunda, enueja; he tristeza de bem alheio, tomado como mal nosso, em que ficamos vencidos. Terceira angustia, tristeza de mal, que já não tem remedio, como he dos danados. Quarta, penitencia, he dor com tristeza do mal passado. Quinta Nemesis, tristeza do bem temporal do proximo, que cuidamos não mereçe. Podese tambem chamar enueja, ainda que com menos propriidade. Sexta, Zelo, tristeza do bem alheio em quanto cuidamos, que falta a nós mesmos.

Tristeza boa, & meritória pera com Deos; he primeiramente de pecados cometidos. A segunda, de ausencia de Deos, cuja vista se dilata. Terceira, do pouco aumento, que experimentamos no exercicio das virtudes.

Tratado terceiro das potencias,

CAPITULO XIII.

Do exercicio das payxoões da alma.

DO que até aqui dissemos, se deixa bem ver como os affectos de nossa alma, sam de sy como indifferentes, & estão expostos, & prestes pera se escreuerem de baixo da bandeira de qualquer dos dous capitaes, que sam vicio, & virtude. Se primeiro entra o vicio, a fazer gente no reyno de nossa alma, logo nosso amor, professando a infernal milicia sac trajado â profana; os desejos, & esperanças de verde, que logo se murcha, & secca, da gloria, & ambição mundana. Nossas resoluções, & propósitos, tomão brio de dar sacó, & fazer preza em bês de fortuna, bês do corpo, & recreação de sentidos. Nossos gostos tornados brutaes, continuamente se estam ecuando em sensualidade.

E como este terço vai seguindo esta empresa, assi o outro terço vai fazendo rosto a tudo, o que se attraessa, & faz impedimento pera o alcance da vitoria. Os odios, fugidas, temores, & iras encontrão a penitencia, a fugentão o jejum; abominão a pobreza, & humildade, lanção o cilicio, & disciplina, poem em fugida a castidade. He a lingoagem desta infernal companhia. *Venite fruamur bonis, quæ sunt; vino pretioso, & unguentis nos impleamus, & non prætereant nos istos temporis. Coronemus nos rosas antequam marcescant. Nemo nostram exors sit luxuria noscitur; opprimamus pauperem, iustum, &c.* Logremos bês da vida, trasbordem as taças com vinhos preciosos, as mezas com manjares delicados, pisemos prados, & flores do campo, façamos preza, & emprego na luxuria, lancemos de nos a pobreza, virtude, & justiça, pois encontrão nossos gostos.

Entrando com tudo a virtude, como Raynha, a formar seu exercito, logo esta soldadesca toma outras armas, & se veste de libré differente. Nosso amor, desejos, esperanças de cor de Ceo, a audacia, resoluções, & propósitos, d'armas brancas lauradas d'estrellas acomodadas pera alcançar vitoria dos vicios. Os gostos se empregão na pureza, santidade, fermosura de Deos, & bês da outra vida. Assi mesmo, temores, odios, fugidas, iras, empregão suas armas, em conquista de derribar amor proprio, soberba,

berba, sensualidade, appetites, & sentido, que pretendem impedir, & encontrar virtudes: & se a dor, & tristeza se ocupa em chorar, he em chorar o tempo mal gastado em vicios, & pecados contra Deos, porque se merece pena eterna.

Vindo ao particular, não ha virtude das que residem na vontade, que não possa sabir com cada hum destes dez affectos, acerca de seu objecto, & do contrario delle, ficando a alma como viola, & descante de dez cordas, tocadas com suavisima consonancia pellos dedos destas desttras tangedoras, conforme ao que disse David. *In decachordo psalterio cum cantico in ciithara.* Ponhamos exemplo na charidade, que tocando a primeira corda do amor, diz com S. Agostinho, *Amo te Deus meus, amo te, & magis, atque magis amare volo. Diligo te Dominum meum dulcissimum, & pulcherrimum, ex toto corde meo, & ex tota anima mea, & ex omni intentione mea.* A vós meu Deos amo, a vós quero, a vós amo fermosissimo, & dulcissimo Senhor meu de todo meu coração, com toda minha alma, com todas as forças, & intençam de meu espirito. Tocando a segunda, & terceira do desejo, & esperança canta com David. *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus. Sitiuit anima mea ad Deum.* Como ceruo ferido, & abrazado da sede, & calor do sol, com suma ligeireza passa montes, valles, espessuras, até chegar à fonte fresca, & fria; assi eu Senhor abrazado, & ferido de vosso amor, nam me aquietando em bês da terra, nem curando de impedimentos, que se atraueção, vou correndo com pês ligeiros de desejo, & esperança, até chegar a vós fonte viva, em que espero fartar a sede, que tenho de vos ver, & gozar.

Psal. 91.

Manual. c. 10

Psal. m. 41.

Tocando a quarta de resolução diz com S. Paulo. *Ego non solum alligari, sed & muri in Hierusalem paratus sum propter nomen Domini IESV.* Aparelhado estou, & resolutos a sofrer não só cadeas, & ferros, mas a propria morte por amor do bom IESV.

Act. 24.

Tocando a quinta de gozo diz com David. *Quam dulcia fuerunt mihi eloquia tua super mel ori meo. Desiderabilia super aurum, & lapidem pretiosum multum, & dulciora super mel, & favum.* Não chegão Senhor favos de mel, nem riqueza de pedraria a suavidade, doçura, & preço de vossos preceitos, & amor.

Psal. m. 118.

Tratado terceiro das potencias,

Pfalm. 118. Tocando a sexta de odio, ao mal contrario, a seu fim diz com o mesmo David. *Iniquitatem odio habui, & abominatus sum.* Pecado contra amor de Deos abomino, & aborreço, como a mòr peste do mundo.

Pfal. 59. Tocando a setima da fugida, com o mesmo se gloria. *Ece elongavi fugiens, & mansi in solitudine.* Vendome cercado de inimigos, & tentações que pretendem conquistar Senhor, vosso amor, pois não posso tomar azas de pomba, como desejo, da maneira que posso faço por fugir ao deserto do coração, & boa consciencia onde sem perturbação sò com vosco viuerai.

Pfal. 54. Tocando a oitava de temor, diz com o mesmo David. *Conturbatus sum à voce inimici, & à tribulatione peccatoris; cor meum conturbatum est in me, & formido mortis cecidit super me.* Apertão Senhor as tentações; o combate he forte; vejo o perigo em que estou de perder vosso amor, com rezão, tremo, & temo com temores semelhantes aos da morte.

Rom. 8. Tocando a nona da Ira iusta, com efficacia diz com S. Paulo. *Quis nos separabit à charitate Christi, Tribulatio? an angustia? an fames? an nuditas? an periculum? an persecutio? an gladius? certus sum, quia neque mors, neque vita, neque Angeli, neque principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei, quae est in Christo Iesu Dño nostro.* Venhão tribulações, fomes, sedes, nudeza, perseguições, espadas nuas, ponhão se em campo exercitos armados dos proprios spiritos infernaes, armem se contra mim todas as creaturas, veja eu a mesma morte diante dos olhos, por tudo cortarei, a tudo farei rosto, tudo vencerei, por não ser vencido na charidade, & amor, que deuo a Deos, & a seu vnigenito Filho Iesu Christo.

Pfalm. 50. Tocando a decima de dor, & tristeza, lamentando com David diz. *Tibi soli peccavi, & malum coram te feci. Anxietus est super me spiritus meus, in me turbatum est cor meum.* A voce gemitus mei, adhæsit os meum carni meae.

Pfalm. 142. Contra vos Senhor pequei; diante de vos ousei cometer males, offender a quem deuera amar; ò que angustias, & tristezas apertão meu coração; bem o mostra a efficacia de meus brados, que o coração dá do sentimento, por perder vosso amor, a extenuação do corpo tal, que sò a pele tenho já sobre os ossos contritos, & humilhados.

Vae mihi (dizei com S. Agostinho) *vulnerauerunt me, & non dolui; traxerunt me, & non sensi.* Ay de mim Senhor com quanta razão choro agora, o que então não chorei, sinto, o que não senti, tenho dor, do que não soube ter dor.

O mesmo que dissemos das virtudes se acha a seu modo nos vícios, dos quaes nenhum ha, que não possa tocar cada húa destas cordas, & payxoões da vontade, mas com differente effeito de dissonancia infernal. Nem he necessario trazer exemplo de vícios nesta parte, pera os euitar, como fizemos das virtudes, pera as exercitar, das quaes baste por remate saber, que assi se meneão por estes dez affeitos, que nunca se acharã affeito bom, & meritorio, que não pertença a algũa virtude, como se verá no discurso desta obra. E advertase entretanto, que muitos Santos, & Doutores desta Theologia diuina, distinguem varios graos das mesmas virtudes, que em effeito não sam outra cousa, que a variedade destes affeitos, hús mais nobres, que outros, como se deixa ver do que está dito, & ao diante se

dirã, nos Tratados que se seguem de todas
as Virtudes, & doés do Spirito

Santo.

(+)

IESVS

TRATADO III.

Das virtudes Theologaes, Fè, Esperança, & Charidade.



Braça a Oração todas as virtudes, como mãy, todas manda como Raynha, todas como exercito bem ordenado rege, & governa. Sendo pois a oração materia desta obra, nem entrar, nê sair della podemos, sem preceder noticia de virtudes, ao me nos breue, & compendiosa, como será esta, ficando outra mais larga pera outro lugar. E como Deos he fim ultimo, & principal das criaturas, & as irracionais, & insensueis o alcançem, manifestando com perfeições naturaes seus diuinos attributos; as racionais como mais perfeitas o alcanção, com actos do entendimento, & vontade; ou naturaes, como fizeram Philosophos antigos; ou sobrenaturaes, como os bemauenturados perfeitamente no Ceo, & santos imperfeitamente na terra. Mas como o homem não tem forças, pera aplicar meos sobrenaturaes, Deos toma á sua conta infundir Fè no entendimento; esperança, & charidade na vontade, doês do Spirito Santo, & mais virtudes moraes, de que em seu lugar diremos, em nossa alma, ficando juntamente o fim que se pretende alcançar, & principio, & causa de se alcançar.

CAPITULO I.

Da virtude da Fè.

HA dous generos de Fè, húa da vontade, outra do entendimento. A da vontade se chama pia affeição: a do entendimento propriamente Fè. O officio da pia affeição he mândar

dar ao entendimento crea o que se representa reuelado por Deos. O officio da Fè he crer o mesmo. Assim sua definição he esta. *Fides est habitus intellectus, quo firmiter, & sine formidine, tametsi inaequenter, assentimur omnibus, quæ à Deo reuelata proponuntur ab Ecclesia.* He habito do entendimento com que firmemente, mas como às escuras, cremos o que a Igreja representa reuelado por Deos. Quando anda acompanhada da graça, se chama formada; quando de pecado, informe.

Obiecto em que se ocupa a fè, he Deos verdade summa, & tudo o que manda que creamos, ou seja tocante a elle, ou fora delle; ou seja por elle immediatamente reuelado, ou proposto da Igreja como de Fè, pois he alumada do mesmo Deos, & não pode errar, qual he a celebre verdade de ser a Senhora Virgem antes do parto, no parto, depois do parto.

Daqui se vê, que Fè não he sò de cousas sobrenaturaes, a que não abrangem forças do nosso entendimento, como ser Deos trino em pessoas; mas ainda de cousas, que por experiencia, & lume natural se podem alcançar como he, auer hum sò Deos. E assim Fè, & conhecimento de sciencia se compadecem no entendimento acerca do mesmo obiecto. No Céo com tudo não ha fè, porque a vista clara de Deos, & mais obiectos, a impede.

Quatro artigos somos obrigados a crer distintamente; de modo que se delles não tiuermos actual Fè não nos saluaremos. Primeiro, que Deos he autor, & criador de todas as cousas. Segundo, remunerador de bẽs, & males. Terceiro, trino, & vno. Quarto, que a segunda pessoa encarnou, & naceo da Virgem pera nos saluar. Os demais basta crer confusamente, que he o mesmo que estar aparelhados a tudo o que se propuser reuelado, saluo quando nos constar d'algum em particular. Os que têm officio d'ensinar, & curar almas são obrigados a crer mais mysterios, & com maior clareza.

Em tempo de tentação graue da Fè, ou perigo de a perder, somos obrigados a exercitar seus actos interiores. O mesmo se entende da esperança, & charidade. Nas occasiões em que corre perigo a honra de Deos, ou bem spiritual do proximo, temos obrigação de sahir com actos exteriores destas virtudes; em fim fugir em todo tempo da Infidelidade contra Fè;

Desesperação, contra esperança; odio de Deos, contra charidade.

Ainda que a Fè estriba, como em columna na verdade, & revelação diuina, não em outro fundamento; ajudase com tudo de motivos euidentes alcançados por experiencia com que a vontade fica mais inclinada, entendimento mais facilitado, ella nada diminuida em sua nobreza, & firmeza. Sam estes motivos principalmente oito.

1.º Primeiro, pureza da religião Christã, alhea de toda a falsidade, & iniustica, & conforme a toda rezão, & virtude. E juntamente a santidade dos que directamente a professam; o contrario se vê na ley de Mouros, hereges, & mais infieis. 2.º Segundo, milagres, não apparentes, como faz o Demonio, & farã o Antichristo, mas verdadeiros, que sempre ouue, & auerã na Igreja de Deos. 3.º Terceiro, prophecias, que muito dantes denunciãrão nossa Fè, o que Prophetas não poderã sem luz, & revelação diuina, pois sò Deos pode saber o futuro. 4.º Quarto, o modo com que a religião Christã foi no mudo introduzida, doutrina contraria a gostos da vida, Pregadores pobres, & idiotas, sujeitos ao Imperio Romano, que principalmente conquistarão, & vencerão; nouidade de Deos feito homem, & crucificado, morto, & sepultado.

5.º Quinto, a inuincivel constancia dos Martyres, em cujo numero entrarão, & entrão donzelas de tenra idade; Reys, & Senhores, que tudo com a propria vida desprezarão, no meyo de tormentos à conta de professarem, & defenderem a Fè.

6.º Sexto, conformidade das sagradas escrituras, ainda que escriptas por diuersos Autores, & em diuersos tempos, & concordia dos santos, & Padres doutos em seus escritos, com que illustrarão verdades da Fè, & santos costumes; & leys da religião Christã, o que não se achã em discipulos d'outras seitas.

7.º Setimo, antiguidade, & perpetuidade da religião Christã, com que de seu principio vai continuando, sem nunca se poder extinguir, por mais que os inimigos de Christo o pretenderão, antes de pequeno grão, lançando sempre mais firmes raizes, estendendo maiores ramos.

Oitavo, Experiencia da consolação, & quietação da alma que se sente na guarda, & comprimento da ley de Deos, como he frequencia de sacramentos, vencimento de tentações, exercicio de virtudes, &c.

Infidelidade he vicio contrario a Fè, reside no entendimento. He mortal, quando deliberadamente se repugna a Fè. Suas especies principaes, sam Paganismo, proprio de Gentios, & Mouros. Iudaismo, proprio de Iudeus, que guardam ceremonias de Moyses. Heresia, que contradiz em parte a Fè recebida.

Overdade fuma a cujos olhos he impossivel contentar sem Fè; daime Senhor este fundamento de todos os bês spirituaes; este principio de salvação, sem o qual não ha salvação; alumiaí minha consciencia com este olho diuino, abri esta porta, pera entrar a vida; dotame com este penhor da immortalidade, pera o conseruar; armai minha alma de humildade, de presenca continua de Christo vosso Filho, pois he causa, & regra da verdadeira Fè. Estou de minha parte aparelhado Senhor, a crer, com firme proposito todas as cousas que por meyo da Igreja Catholica reuelastes sem duvida, nem contradicção algua. A todos os mysterios de Fè dou as mãos, como criança sem discurso me quero sojeitar a tudo, & pois dais graça pera isso desear, dai fortaleza Senhor pera o cumprir.

CAPITULO II.

Da virtude da Esperança.

EST A virtude definem os Santos desta maneira. *Spes est virtus a Deo infusa in voluntate, qua certò expectamus futuram beatitudinem ex gratia, & meritis Christi, & ex nostris meritis ex gratia prouenientibus.* Esperança he virtude infundida de Deos na vontade, com que esperamos de certo a bemaenturança da outra vida, por virtude da graça, & merecimentos de CHRISTO; & dos nossos, nacidos da mesma graça.